



SAUDADE

Ilha Encoberta ou Incógnita

Trata-se de uma evidente aclimatação da ilha mítica, perdida, de Avalão, ou Avalónia omnipresente na *Matéria da Bretanha*, ao contexto sebástico.

O rei desaparecido em Alcácer Quibir encontrar-se-ia encantado aí, na companhia dos seus mais fiéis cortesãos, aguardando o exacto momento da *Parúsia* para se manifestar ¹:

Em uma ilha habitada
De gente cristã está
Da qual cedo sairá
A fazer sua jornada.
Sua gente desgarrada
E o seu gado perdido
Ajuntará com sentido
E isto haveis de esperar

¹ Paralelos no episódio de *Pedra Bonita*, na *Lenda do Touro Encantado* (D. Sebastião) da Praia de Lençóis, no Maranhão, ambos no Brasil, na *Cidade Encantada* (Arguim), nos *Campos de S. Sebastião* (Alcântara, Lisboa), etc. Nos Campos de S. Sebastião, situados nas cercanias de Alcântara (Lisboa), asseveram alguns autores sebastianistas que se há-de manifestar o Encoberto, de resto, fundados nos vaticínios do Beato António da Conceição: “[...] Mas ai que grande batalha / Tem a Serpe com o Leão / Junto daquela cidade / Que tem os campos de um santo [...]”. Durante o século XIX sebastianistas houve que diziam situado entre a Ajuda e Alcântara o Palácio encantado de D. Sebastião. Durante um diálogo mantido numa casa de jogo do Bairro Alto, com o capitão Jerónimo Saraiva, o sebastianista Martim Roiz de Melo (com mais de 70 anos em 1671), afirmou que “fora em busca do dito convento e Palácio e os achara e descobrira no dito sítio [...], descrevendo a arquitectura da magnificência do dito Palácio e sumptuoso edifício com seus pátios bem lançados, escadas, recebimentos, salões e demais régias, dilatadas fachadas, jardins de Chipre, muitas plantas e árvores do Paraíso Terrestre, diversas fontes sem-número, galerias e guarda-roupas, gabinetes, câmaras e antecâmaras, todas com admiráveis pinturas de Miguel Ângelo, Rafael, Urbino e Manuel Campos [...]. E que entrando neste imperial Palácio [...] diz ele achar gente com quem falou e a que perguntou pelo Sereníssimo Rei D. Sebastião e dando-se-lhe entrada o vira e falara com ele, de quem fora recebido com grandes e particulares demonstrações de benevolência; e que achara a este monarca casado e com sua mulher ali, a que também falara e juntamente a dois filhos e duas filhas que tinham, relatando-lhes seus nomes, juntando-lhes as feições, metais das falas, como outras miudezas e particularidades [...]. Dizia que uma das infantas se chamava Elvira e que dela fora mui festejado e que pondo-se-lhe diante dela de joelhos, a tal Infanta lhe dissera: «Levantai-vos, fulano», nomeando-o por seu nome; e lhe dissera outras coisas mais [...]”. Cf. Yvonne Cunha Régio (org.), *Feiticeiros, Profetas e Visionários: textos antigos portugueses*, Lisboa, 1981, p. 189-190.



SAUDADE

Não há-de muito tardar
Posto que esteja escondido ².

António Baião refere que no reinado de Dom Sebastião, um piloto condenado à morte se ofereceu para descobrir a *Ilha Encoberta* em troca do perdão, “porém, como não se achasse ser o tempo de se descobrir, mandou-se que se executasse a sentença” ³.

A popularidade do tema garantiu-lhe uma fortuna cuja perenidade chegou aos dias de hoje, expressa num monumental acervo literário, jamais coligido compreensivamente.

As menções a tal território insular tornaram-se insistentes a partir do século XVII, contando-se entre alguns dos conspícuos que mais enfaticamente se lhe reportaram, o Padre António Vieira, D. Francisco Manuel de Melo, Inácio de Guevara ⁴, o Beato António da Conceição, o dominicano Frei João da Cruz ⁵, Frei Manuel dos Anjos ⁶, ou Manuel Bocarro Francês ⁷.

Cerca de 1671, escrevia um autor anónimo, em tom crítico:

“Vi outros que sem embargo de serem sacerdotes, andavam dando novas, que afirmavam por certas, que El-Rei D. Sebastião estava em tal ou tal parte e que havia de vir em tal ou tal tempo; e outras vezes, que tinha já saído da Ilha Encoberta com 2000 galeões carregados de gente, munições e ouro; e afirmavam os mais dos asnos, que já a dita Ilha está descoberta e manifestada. Outras vezes têm dito e dizem que o dito Rei vem assistido e acompanhado do rei Artur de Inglaterra e outros Príncipes de que se não soube a morte; e que vêm com ele as nove [sic] ocultas tribos de Israel” ⁸.

² Cf. Santos Farinha, *Sebastianismo*, in *Feira da Ladra*, t. 4, n. 1 (1932), p. 34.

³ Cf. *Portugal Cuidadoso*, 1737, livro 5^o, cap. 34, p. 698.

⁴ Dedidou integralmente ao tema o canto VI do poema heróico *Monarquia Lusitana*, composto por XVI cantos.

⁵ Cf. *Reino de Portugal sua criação e sucessos profetizados pelo Céu a Esdras nos capítulos 11, 12 e 13 do seu quarto livro, 1660*, cap. 3 [BN: cod. 810, fl. 227v-230]. Ver *infra*.

⁶ Entendia que na Ilha Encoberta se podia “descobrir ao Monarca de Portugal uma nova Lusitânia”.

⁷ Cf. *Anacephaleoses da Monarquia Lusitana*. Imaginou o Encoberto “cercado da líquida espuma do Oceano”, de onde esperava que saísse no ano escatológico de 1666.

⁸ Cf. *Miscelânea Curiosa de sucessos vários extraída do código 863 (BNL), Colecção Moreira*, t. 1, fl. 587-613, in *Feiticeiros, Profetas e Visionários*, Lisboa, 1981, p. 186.



SAUDADE

Luís Montês Matoso ⁹, anotaria que, em 13 de Agosto de 1740, se soube que a partir da Graciosa se avistara “uma nova ilha”, rematando que “esta notícia tem renovado as memórias que há muitos tempos esqueciam aos chamados Sebastianistas [...]”.

Por seu turno, José Acúrcio das Neves asseverou na sua *História Geral da invasão dos franceses* que:

“Não há muito tempo, que eles [os sebastianistas] receberam avisos certos do Algarve, de se ter ali avistado a ilha Encoberta, com uma esquadra, que deve trazer o Rei, e um cais soberbo, em que deve embarcar. Vende-se a planta desta ilha junto ao pátio da moeda, na Rua Direita de S. Paulo em Lisboa, e representa perfeitamente os copados arvoredos, que a revestem, as praias, o palácio do rei, os leões que o guardam, e o mesmo Rei passeando por entre eles, vestido de corte: até se acham nela pintados os dois religiosos que o viram e lhe falaram e voltando ao continente assim o juraram em Roma” ¹⁰.

Bibliografia

ANÓNIMO, *Notícias da Ilha Encoberta*, in *Museu Histórico e Recreativo*, n. 23 (Lisboa, 1863), p. 179-180 [BN: J 108 B]; GANDRA, Manuel J., *Visões e Visionários da Ilha Encoberta*, Mafra, 2014; GRIVEL (ed.), *A Ilha Incógnita, ou as Memórias do Cavalheiro de Gastines, escritas em francez e publicadas por Mr. [...]*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1802-1806, 6 vols., ilust. 10 grav.; SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *A Ilha Encoberta*, in *Relação de vários Casos Notáveis e Curiosos sucedidos em tempo na cidade de Lisboa e em outras terras de Portugal, agora reunidos, comentados e dados à luz*, Coimbra, 1925, p. 111-138

MJG

⁹ Cf. *Ano Noticioso e Histórico*, v. 2, Lisboa, 1938, p. 105.

¹⁰ Cf. v. 2, Lisboa, 1810, p. 142-154. Os religiosos referidos serão os capuchos Frei António de Jesus e Frei Francisco dos Mártires. Ver *infra*.



SAUDADE

Livro das Antiguidades da Cidade de Barcelona

A propósito do achamento “de uma nova ilha” ¹¹

No ano de 1444 aportou e chegou ao porto desta cidade de Barcelona uma nau de Génova, a qual andando derrotada e perdida, por causa de uma tormenta, tomou o Cabo de Finisterra, e fazendo-se no alto do mar, vindo bem ao pego, tomou vista de uma terra, a qual se não achou na carta de marear. Indo por ela, chegou, lançou ferro no porto dela, saindo os navegantes em terra, acharam gente nela, que lhe falou língua portuguesa e disseram serem portugueses de nação, os quais no tempo da perdição de Espanha se vieram recolhendo à cidade do Porto, com mulheres e filhos e mais famílias de criados; e estando assim recolhidos na dita cidade, vendo a grande perseguição dos mouros, fizeram seu conselho e nele assentaram que, por não experimentarem seu furor e tirania, se embarcassem nas embarcações que no rio de ouro [sic] então estavam e se fossem pelo mar oceano à ventura, buscando alguma ilha, por terem notícia que as havia, onde vivessem simplesmente, e tomando gados e tudo o mais que puderam, navegando, aportaram nesta ilha, onde desembarcaram e assistiram moradores. E disseram aos da nau que os que hoje viviam eram descendentes dos que diziam tinham vindo de Portugal e que estes seus antecessores edificaram naquela ilha cinco cidades junto ao mar, e que em cada cidade havia um bispo e entre estes havia dois arcebispos, e dentro da província havia trezentas vilas povoadas de muita gente, e que toda a ilha era muito fértil, assim de ouro, prata, como dos mais metais e de todo necessário para o sustento humano, em grande quantidade, e que o regimento e modo do seu governo era eleger um bispo dos sobreditos por governador da terra, o qual governava como rei, com tal condição que, se em algum tempo aparecesse algum rei cristão espanhol, que ganhasse aquela dita terra aos mouros, o dito bispo e seus sucessores lhe dariam obediência, por assim ser constituição dos antigos, como consta dos livros que tinham de sua antiguidade, que eles deixaram, donde também sabiam o que têm referido.

Aqui souberam os genoveses como a ilha tinha trezentas léguas em roda e que nela havia duzentos combatentes, e que a gente de maior corpo era fiel à pátria e amiga de Deus; e souberam mais como a medida do vinho era por pintas e o pão se vendia por peso, o qual os almotacés das cidades e vilas iam pesar em as praças.

¹¹ A Relação do sucesso é transcrita por Agostinho de Monte Alverne, *Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*, v. 3, p. 251-255 e também num códice reunindo “Várias Notícias” da Biblioteca da Ajuda [BA: 51-II-26], fl. 167-169v: *Descobrimento da Ilha Incógnita e do que aconteceu a huma caravella de Genua na era de 1444 annos em hua tormenta que teve.*



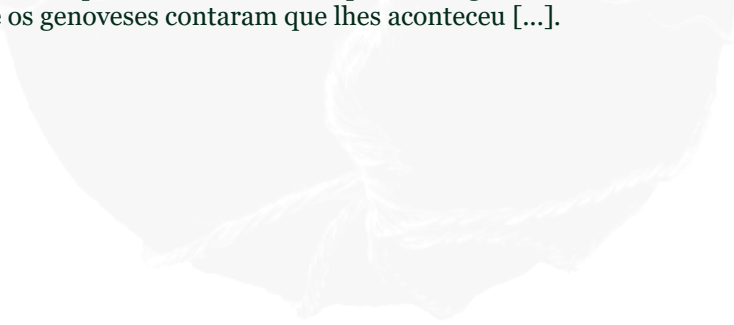
SAUDADE

As armas dos bispos governadores era [sic] um dragão em uma bandeira com um crucifixo na ponta de cima; ao redor do dragão uma cobra e ao pé uma Senhora com seu burrinho, em significação da entrada que Cristo fez em Jerusalém em dia de Ramos, tudo isto pintado em campo azul, e ao redor quinze castelos de ouro, pintados em campo vermelho, e ao pé de cada castelo umas ondas do mar.

Os vestidos e os trajas desta gente são compridos até meia perna, com pregas pela cintura em roda, as mangas muito largas em todo, assim no bocal como em cima, pregadas no ombro; os mantos ou capas são feitos como lobas; nas cabeças uns barretes de duas voltas largas. As mulheres destas cidades e vilas trazem saios de alto a baixo, cerrados até ao pescoço, e os toucados são véus subqueixados.

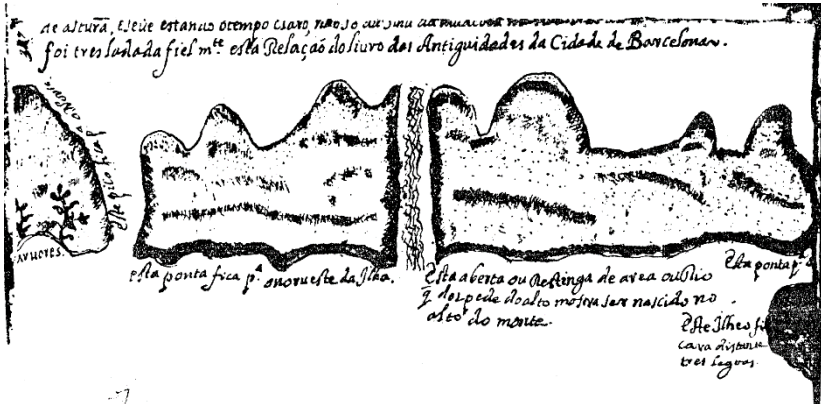
A justiça se guarda entre esta gente com grande inteireza e respeito, porque o que cometeu caso de morte conforme as suas leis e costumes, dão-lhe charilha [sic] sem remissão alguma, e o que não tem crime de morte, conforme as suas leis, se o crime pede degredo, degredam-no para fora donde fez o delito, que para isso têm embarcações em que navegam de umas partes para as outras, sempre junto à terra. Guardam os Domingos, do sábado de horas de terça até à Segunda-feira depois da missa, sem neste tempo fazerem alguma coisa de trabalho ou serviço; no Domingo nem aos gados dão de comer até não levantarem a Deus. Têm uma mina de sal, de que usam. Têm os melhores cavalos do mundo. Todos os mantimentos são muito salutíferos. Têm muita abundância, principalmente de vinhos.

Aos desta nau fizeram os da ilha grandes favores e aplausos e lhes deram refrescos, por lhes dizerem eram destas partes, mostrando o gosto que lhes causava sua vista, com as novas que juntamente lhes davam de estarem os mouros fora de Espanha, e lhes perguntaram se a possuíam os cristãos, e disseram que sim e que em Castela e Portugal havia reis diversos e cada um governava seu reino. Tudo festejaram e não o podiam crer; contudo, por tão alegre nova louvaram muito a Deus. Isto é o que os genoveses contaram que lhes aconteceu [...].





SAUDADE





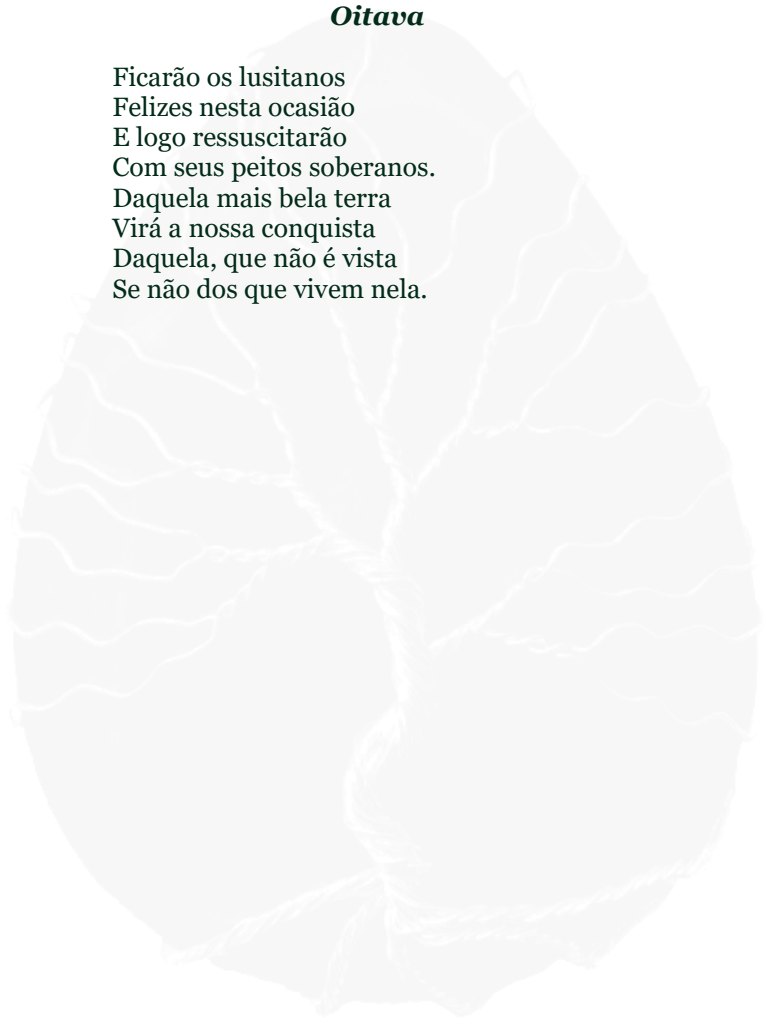
SAUDADE

António da Conceição

(aliás, Beato António)

Oitava

Ficarão os lusitanos
Felizes nesta ocasião
E logo ressuscitarão
Com seus peitos soberanos.
Daquela mais bela terra
Virá a nossa conquista
Daquela, que não é vista
Se não dos que vivem nela.





SAUDADE

Sonhos visionários de Maria de Macedo ¹²

[...]

E perguntando-lhe do que constava aquela ilha de que a sua resposta faz menção me respondeu que chegada à dita ilha, viu três igrejas que estavam nela da grandeza não podia dar razão pelas não ver todas mais que cinco ruas grandes entre as quais estavam as igrejas referidas cujos nomes são os seguintes: a matriz adonde assiste um Bispo é o nome Santa Maria Maior; a segunda Santo Estêvão; e a terceira S. João de que também não dava razão destes templos de dentro por não entrar neles e somente vê-los por fora. [...].

Sendo este caso de minha mulher sabido por algumas pessoas desta cidade que tinham notícia que ela tratava com Mouros encantados, sucedeu em o mês de Maio de 640, vir um homem por nome João Penalvo dizer a meu sogro que no bairro de Alfama havia uma mulher por nome Maria Loba que tinha um neto de El Rei D. Sebastião. E os Mouros com quem minha mulher havia continuado todos 14 anos era o mesmo Rei D. Sebastião e sua gente, à qual se lhe mostrava encoberto debaixo de nomes de Mouros. E que ele sabia isto ser certo por ter uma cunhada por nome D. Luísa de Portugal que também corria com o mesmo Rei e gente com quem minha mulher o fazia, dizendo que toda a facção era uma. [...] eu tinha e sempre tive, e tenho por mentira, e embuste em me dizerem que os Mouros a quem minha mulher assiste era gente del Rei D. Sebastião. E isto diziam tão desencalmadamente e com tanta

¹² Maria de Macedo, nascida em 1623, filha do *Violeiro do Chiado*, Luís Ribeiro, e de Agostinha Macedo., ficou conhecida como *A Vidente do Chiado* e a *Violeira*. Desde os nove anos, alegou visões da Ilha Encoberta, aparecimentos e transportações, afirmando ter sido recebida pelo próprio D. Sebastião. O governador de Mazagão, Alexandre de Sousa Freire, apaixonou-se por ela, porém para matrimoniar-se escolheria Feliciano Machado, Escrivão do Conselho da Fazenda da Secretaria de Gaspar de Abreu, de quem teve duas filhas e um filho. Residia na rua dos Escudeiros com o marido, o qual não se inibia de propalar as visões e profecias da consorte, chegando estas ao conhecimento do padre Manuel da Costa. Ouvindo-as deste, o Doutor António de Sousa de Macedo denunciá-la-ia ao Santo Ofício, em 1553. No decurso do processo [ANTT: Inq. Lx, proc. n. 4404] diversas testemunhas foram convocadas a depôr, tendo Maria de Macedo sido presa em 1665 e saído no Auto-de-fé da Inquisição de Lisboa, de 4 de Abril de 1666, condenada a açoites e a cinco anos de degredo para Angola. Em consequência das diligências do marido, falecido pouco depois, os açoites haviam de ser substituídos por mais um ano de degredo. Por fim, alegando doença, arrependimento e pobreza, Maria de Macedo, entretanto transferida para o Limoeiro, seria perdoada não chegando a cumprir os seis anos de degredo que lhe haviam sido cominados. Cf. Lúcio de Azevedo, *A Evolução do Sebastianismo*, Lisboa, 1947; Gustavo de Matos Sequeira, *O Carmo e a Trindade*, v. 2, Lisboa, 1939, p. 120-123.



SAUDADE

segurança que era público por muitas pessoas deste Reino que ignorantemente o consideravam por certo.

E tendo eu toda esta maquinação por ilusão do Demónio, fiz uma experiência com minha mulher, e foi dizer-lhe soubesse dos seus Mouros e lhes perguntasse se o que diziam os ditos João Penalvo, sua cunhada D. Maria Loba e D. Luísa de Portugal era verdade (por ver se conferia uma coisa com outra) ela o fez assim e lhe foi respondido que assim eram, como diziam as ditas três pessoas; do que minha mulher (me disse) lhes fizera queixa, por que causa a razão se lhe havia a ela encoberto com o [?], e nomes de Mouros se eram coisa de El Rei D. Sebastião. Eles lhe disseram que se não agravasse de se lhe não haverem descobertos quem eram, porque convinha assim e era necessário. Dizendo-lhe mais que eles todos se haviam feito cristãos; E que o seu Rei D. Sebastião depois da sua perdição havia andado sempre até aquele tempo em viva penitência, o qual estava na Ilha encoberta, e era casado com a Senhora D. Adriana filha de El-Rei de Dinamarca, a qual tinha consigo dois irmãos, um chamado Frederico, outro Ricardo; E que o dito Rei D. Sebastião tinha cinco filhos vivos, três mancebos e duas fêmeas, afora um que já morreu: que o filho mais velho se chamava D. João, o qual estava já casado com uma prima sua filha do Senhor Ricardo, de quem tinha uma filha que se chamava D. Joana; E o segundo filho do Senhor D. Sebastião se chamava D. Fernando, e o terceiro D. Duarte: as filhas se chamavam a Senhora D. Inácia e a Senhora D. Úrsula. E a que morreu se chamava a Senhora D. Catarina, que estava enterrada /em Santa Maria Maior que é uma das igrejas matriz da Ilha como na narração da dita Ilha adiante se declara. [...].

Dizendo-me que todos aqueles seus Mouros haviam tomado nomes de cristãos e se haviam baptizado e que com a vinda daquele Rei havia de haver grandes revoluções, e castigos nesta cidade; o qual tinha 323 embarcações, 200 navios e as demais galés em que entravam 14 douradas com bandeiras de cetim carmesim, as quais estavam preparadas do ano de 651 e que a entrada havia de ser em uma noite em que havia de renascer o sol; o qual Rei D. Sebastião falava nos dias na semana com Nosso Senhor Jesus Cristo, como eram segundas, quartas e sextas-feiras; E que havia de trazer outras Leis das quais o número achado [?] fez só cinco, escritas por sua mão e confirmadas pela de Nosso Senhor. E que este Rei tinha consigo com sua companhia um frade franciscano seu confessor por nome frei Angélico de Cristo; e o seu cronista frade bernardo por nome frei Ângelo.

Em 27 de Maio a mandavam com duas [?] e na companhia de dois moços naturais da Ilha, um chamado Francisco e outro Pedro, aonde estava o Príncipe que lhe disseram ser em Alemanha, o qual estava em companhia do Rei Artur de Inglaterra havia uns meses. E ao dito Rei levaram uma das duas cartas e outra ao dito Príncipe do Senhor Rei D. Sebastião, na qual se continha uma voz que lhe dava



SAUDADE

para se juntar com ele e com el Rei de Aragão, o qual estava presente [?] no castelo desta cidade de Lisboa. E o dito Rei de Aragão escreveu também outra ao Senhor Rei D. Sebastião na mesma noite e dela se partiu para Alemanha e do que escreveram uns aos outros todos três, resultou ajuntarem-se sábado primeiro de Abril do dito ano de 651 na igreja de Nossa Senhora da Pena adonde ela veio em companhia do Senhor Rei e com o dito Aragão uma moça de Oleiros por nome Maria da Conceição, a qual ela conhecia bem pela ver algumas vezes na Ilha, e com el Rei Artur um mancebo por Jorge Baladuc, veneziano de nação; E tanto que ela chegou com o Senhor Rei, o estavam já os dois mais esperando e se meteram logo todos na igreja, ficando no alpendre dela os três criados; E o que viram foi que três Senhores Profetas lhe deram a cada um sua espada: a saber S. João Evangelista ao Senhor Rei D. Sebastião, Santo Elias ao dito Aragão, e Enoque ao de Inglaterra; as quais tinham por guardas uma cruz; dando-lhes também um quarto de papel a cada um; E abençoando cada Profeta a seu Rei se despediram ficando na igreja; E os Reis se vieram até o paço, adonde cearam; E depois disseram à dita minha mulher que estes Santos Profetas estavam depositados em um templo que havia de aparecer depois do descobrimento deste Senhor Rei D. Sebastião.

E sendo isto presente ao padre frei Luís da Madre de Deus, religioso da Ordem de S. Francisco desta cidade de Lisboa, e revedor de livros, lhe / propus as três coisas abaixo declaradas a que lhe deram a ela por resposta para assim a dar ao dito religioso o seguinte com que ficou atônito.

Que se a igreja seguia a opinião de S. João Evangelista ser morto, como dizia estar vivo.

Que se também os dois Profetas mais Elias e Enoque estavam guardados, e depositados para virem pregar a vinda do Anticristo como se dava caso que viessem com o Rei D. Sebastião.

E que se os ditos três Profetas estavam no Paraíso terreal, como estavam na Ilha encoberta.

Que se a igreja seguia a opinião de S. João Evangelista ser morto, como não havia sendo que escrevesse de sua morte, que ele estava vivo e depositado para vir com El-Rei D. Sebastião pregar o juízo da reformação.

E que os outros dois Profetas não negavam estarem depositados no Paraíso terreal para virem pregar a vinda do Anticristo, que esse então seria o fim do mundo, mas que primeiro havia de haver a reformação dele.

Que se duvidava do Paraíso terreal estar na Ilha encoberta que perguntasse a todos os homens, assim navegantes, como os mais onde o haviam achado pois era certo estava fundado na Terra e não no Ar.



SAUDADE

E que dia de S. Miguel de 651 faziam 32 anos que Deus encobriria El Rei D. Sebastião no Monte do Campo Belo que diz fica no reino de Alemanha para a parte de Veneza; E isto ao meio dia para a uma hora, e daquele ponto que ia fugido de El Rei de Castela (pelo mandar buscar) com a Senhora Auriana sua mulher com dois Senhores filhos, um que a dita Senhora levava em seus braços e o outro o Senhor Rei D. Sebastião, se adormeceram de cansados que iam Monte se acharam na Ilha encoberta sem saberem o como.

Narração da dita Ilha relatada por minha mulher

Chegada, pois, a esta Ilha com o Príncipe D. João, vi três igrejas que se achavam em uma povoação de que não poderei dar razão da grandeza pela não ver toda mais que somente cinco ruas grandes entre as quais estão as três igrejas seguintes: a igreja matriz Santa Maria Maior aonde assiste um arcebispo e um bispo é o nome; a segunda Santo Estêvão; e a terceira S. João de que também não dou razão de dentro destes templos por não entrar neles e somente vê-los por fora. E acabando de passar as ditas ruas vi um campo largo, a modo de praça com três fontes no meio que se chama a Praça das fontes. E logo daí se seguem os campos donde se dão os frutos da terra, para o sustento daquela gente que é pela maneira seguinte:

As pessoas da dita ilha são de grande estatura, corpulentas e não muito brancas. A língua portuguesa mas grosseira, a qual celebra todos os ofícios divinos e guardam a Lei de Deus muito melhor que nós pela mesma forma e maneira que a Santa Madre Igreja nos ensina. A terra é tão abundante que todas as coisas que na vida se podem desejar dá sem trabalho algum nem deles serem cultivadas mais que ir cada um buscar para sua casa o que há mister, a saber, pão, carnes, frutas e as demais coisas que querem, sendo muito fresca de flores e aves voláteis. E é tanta esta fertilidade que todos vivem abundantissimamente, sem ninguém o administrar nem haver quem o saiba fazer porque o trigo vão buscar ao campo e o trazem para suas casas, aonde o debulham com os pés e o moem em umas pias de pedra com uma roda de mão. E as carnes como são bois, carneiros e outras diversidades de aves e galinhas vão ao campo, e aos bois por um corno para casa vão mansamente que lhes não resiste. E as aves são mansas que cada um toma as que quer, sem lhes fugirem nem nada ser bravo. As roupas que vestem são compridas, tecidas das mesmas lãs dos carneiros ou brancos ou negros, conforme as Deus por não haver quem as saiba tingir e de ordinário tecem as brancas com as negras.

Nesta ilha há muito ouro e prata pouca, e não muito fina, de que se não faz caso por não ser necessário. E é tanta a abundância de ouro que pelas fontes que



SAUDADE

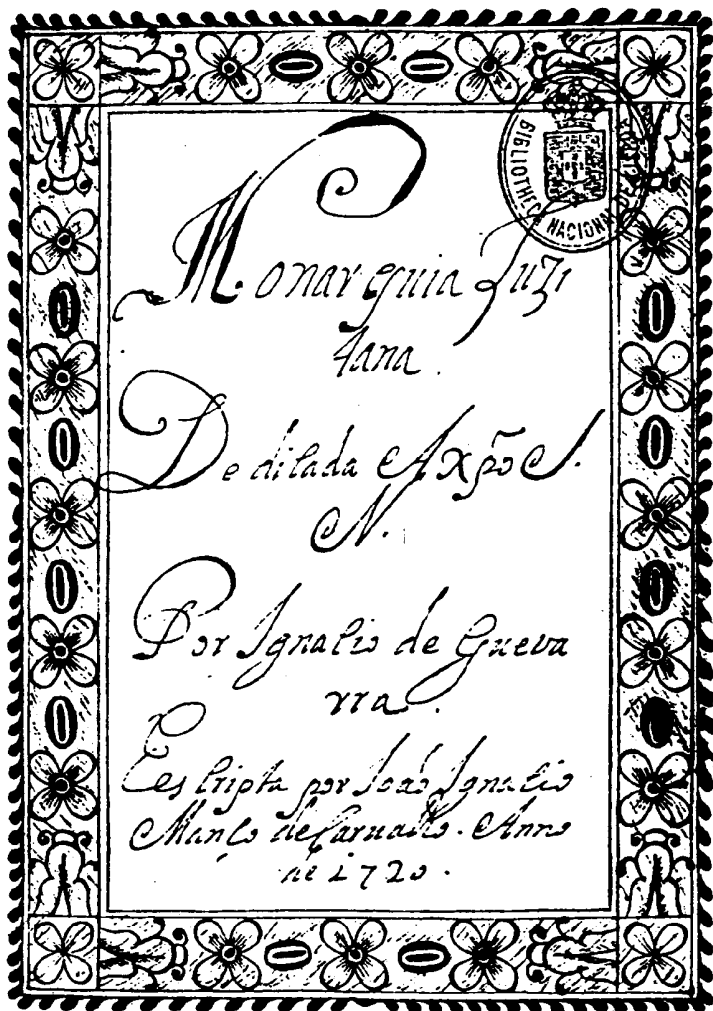
atrás declaro que estão na praça vem em folhinhas correndo com a mesma água que ao depois de ficarem assentadas nos tanques leva cada um o que quer para sua casa.

Esta ilha lhe disseram ser muito grande porém diz minha mulher a não viu toda mais que o tem referido, nem lha mostraram até agora. E não conta muito mais coisas dela (por a) porção que viu ser modesta. Esta ilha diz fica em meio de outras duas mais pequenas, que dela se deixam ver, porém não entrou nelas.





SAUDADE



Rosto de uma cópia (1720) da *Monarquia Lusitana* de Inácio de Guevara
Dedica o Canto VI à *Ilha Encoberta*



SAUDADE

Inácio de Guevara
Monarquia Lusitana

[Trata-se da Ilha Encoberta]

Depois do triste caso e mais sucessos
Que mal se representam na memória,
Quando desbaratou o fado avesso
De Espanha todo o ser e toda a glória,
Satisfação cruel daquele excesso
Que pode leccionar tão triste história,
Porque uma afeição desordenada
De ordenado se vê precipitada.

Entra o nefasto mouro pela terra,
Postrando a seu indigno senhorio,
Com a mais cruel e injusta guerra,
Todo o valor hispano e todo o brio,
Em cuja a gente toda o vale e serra,
Tendo já o viver por desvario,
Pois do irado golpe, fero e duro,
Do bárbaro nenhum se vê seguro.

Musa, cantai com fúria e sanha
A grandiosa Mérida Cítia,
Cabeça, então, da gente lusitana,
Que a mais populosa desmentia.
Mas, por fim, Zacuda se desengana
Da sua obstinada valentia,
Crendo que por Florinda e de Rodrigo
Fora do céu justíssimo castigo.

Era máximo mestre Politano
Em aquela diocese consagrada,
Vendo que o povo mauritano



SAUDADE

Tinha toda a Espanha profanada,
Vendo do tormento o desengano
Da cruel sujeição inopinada
Com Zacuda partirá navegando,
As Ilhas Fortunadas demandando.

Da cidade de Ulisses saem todos
Ou de outro algum porto lusitano
Aqueles santas relíquias que dos Godos
Deixou por acabar o Africano.
Sentindo todos vão por vários modos
O açoite do braço soberano,
Finalmente se tem por coisa certa
Que aportaram na Ilha Encoberta.

Aqui prometeu Deus Omnipotente
Que esta triste gente desterrada
Vivesse até agora cristãmente
Nesta ilha formosa e encerrada.
Aqui a tem o céu até o presente
De tantos anos há depositada,
Até querer abrir este tesouro
Que castigo será do turco e mouro.

Nesta ilha se tem por muito certo,
Por vários fundamentos e razões,
Que assiste, habita e vive o Encoberto,
Como afirmam doutíssimos varões.
Ali permitiu Deus que por acerto
Fossem dar fim do mundo as sem-razões,
Porque, para livrar-se um inocente,
Força é que seja milagrosamente.

Vários autores tratam desta ilha
Que Ptolomeu, o velho, Antilia chama,
Quando deste sagrado a maravilha
A Urbano pontífice exclama.
Toda a famosa gente de Sevilha



SAUDADE

E a Lusitânia toda como é fama
Vivem aqui, sim, de outros afastados,
De todas as riquezas abastados.

Já de alguns lusitanos foi achada
De que deram razão antigamente,
Mas, agora, se diz, é buscada,
Desaparece logo em continente.
Porém, ainda assim tiveram entrada
Nela algumas naus e alguma gente
Que do que nela por maior acharam
Tudo com grande certeza relataram.

Disse a Eritreia, se me não engano,
Que neste tal lugar que está cercado
Da líquida espuma do oceano
O rompante leão está guardado.
Assim o afirmou um lusitano
Por outro nome e arte celebrado
Do coração do mar levantaria
O braço e que o mundo venceria.

Também Trancoso diz que sairá
Do mar este monarca soberano.
Então, aquela porta se abrirá
Neste vizinho reino africano.
A profecia, então se cumprirá
Contra o nefando herético ariano.
E, porque à lei cristã vem toda a gente,
A Igreja a receberá muito contente.

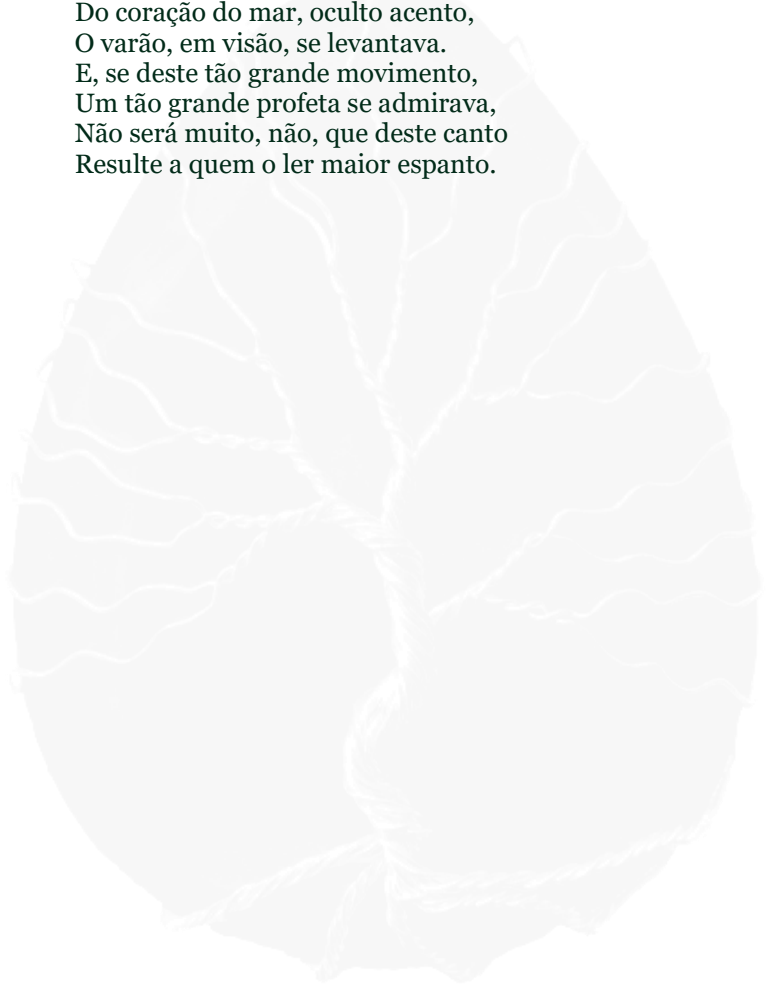
Na Africana parte situado
Está este raríssimo portento
Donde há-de sair acrescentado
Da Madre Igreja o melhor sustento
As ovelhas de Cristo. Todo o gado
Comerá o mais pingue mantimento.
Assim o diz Jodoco Palmerino



SAUDADE

Por milagre maior e mais divino.

Do Mar se levanta um grande vento.
Ouvindo que, as águas como turbava
Do coração do mar, oculto acento,
O varão, em visão, se levantava.
E, se deste tão grande movimento,
Um tão grande profeta se admirava,
Não será muito, não, que deste canto
Resulte a quem o ler maior espanto.





SAUDADE

Frei João da Cruz
Reino de Portugal¹³

Capítulo III

Vem a ser o mesmo que perguntar aonde está e aonde reside este Leão porque está claro que do lugar onde residir e aonde estiver este há-de ser o donde há-de vir. Esdras (cap. 11, 37) diz que o viu posto num bosque [...]. Também Deus (cap. 12, 31) diz que este Leão estava posto em um bosque [...]. Tornou Esdras a ver este Leão no princípio do cap. 13 mas não lhe chamou então Leão senão vento e o lugar donde viu que vinha diz que era o mar [...]. E Deus declarando no dito cap 13, 36 que vento era este chama-lhe varão e disse que vinha do coração do mar [...]. Achou-se Esdras confuso e embaraçado com ver subir este varão do coração do mar; quis saber que lugar era este e assim pediu a Deus no mesmo cap. 13, 51 fosse servido de o aclarar dizendo [...]. E o que Deus respondeu foi que assim como Esdras não podia esquadrinhar estas coisas que estão no profundo do mar, assim não poderia haver alguém sobre a terra que visse aquele filho seu ver aqueles que com ele estavam, senão como chegasse o tempo disso haver de ser [...].

Em três coisas se veem a mesma que acabamos de dizer / do lugar em que residem e donde hão-de vir este Leão, este vento e este varão que todo é o mesmo. E como tal é a mesma pessoa e o mesmo Rei o que nisto se significa. É a 1^a que é um bosque este lugar, a 2^a que este bosque está no coração do mar e a 3^a que este lugar está tão oculto e tão escondido que não há sobre a terra quem o veja com olhos.

Quanto ao 1^o chama-se bosque para nos mostrar que não era lugar conhecido e usual, senão incógnito e não tratado como o costumam ser os bosques que são fechados em si e escondidos: não são como a mais terra, montes, campos, vales e serras que a todos estão patentes e a todos estão descobertos. E por isto este grande Rei e prodigioso varão que neste lugar reside se chama Encoberto. Não porque é lugar [?] escondido [?] o lugar em que está é tão oculto e escondido que não consente que se veja. Quanto ao 2^o: não somente este lugar é oculto e escondido senão que dizem Deus e Esdras dele que está no coração do mar, que do coração do mar dizem que vinha subindo este admirável varão [...]. Chama coração do mar a este lugar para mostrar que era ilha: que coração do mar como diz [?] nas duas frases da Escritura é o mesmo que meio do mar. [...]. O mesmo diz Genebrardo (Salmo 45, 3) e o que está no meio do mar como fica cercado em roda do mar por todas as partes é força / que

¹³ BN: cod. 810. Ver supra nota 106.



SAUDADE

seja ilha, que as ilhas nisso se diferenciam da terra firme e é não terem em roda parte alguma que não esteja cercada de mar. Bem se segue logo que o dizer Deus e o dizer Esdras que este varão de que imos tratando, vinha do coração do mar foi para mostrar que o lugar donde vinha era ilha. Quanto ao 3º ponto, em que Deus diz a Esdras que assim como ele Esdras não pode esquadrinhar estas coisas que estão no profundo do mar, assim não poderia haver algum sobre a terra que visse aquele filho seu, ou os que com ele estavam, senão como chegasse o tempo em que isso houvesse de ser [...]. Digo que isto foi uma confirmação do que havia dito sobre o lugar em que estava este grande Rei, este admirável varão: a saber que era oculto e incógnito e justamente que era numa ilha, porque de novo se torna a repetir o sítio em que sabemos estão as ilhas é lugar incógnito e oculto, pois o é tanto que ninguém sabe parte dela, pois não sabe o que nela está como Deus aqui o diz.

Que lugar seja este ou que ilha que tão incógnita está e tão oculta, a razão está mostrando não poder ser outra coisa senão a que comumente se chama Ilha Encoberta, pois nelas convergem as circunstâncias de ser ilha e de ser incógnita e oculta, que são os sinais que Deus aqui dá para que este tal lugar possa ser / conhecido.

E porque não pareça como fantástico isto da Ilha Encoberta, dela falam Pedro de Medina (liv. 2, cap. 14), João Botero no seu livro das *Razões de Estado*, Galvão no seu *Tratado das Molucas*, Santo Anselmo, Frei Bernardo de Brito e Manuel de Faria e Sousa no seu *Epitome Universal*, João Hugo (t. 3 das *Viagens da Índia*, cap. 3, p. 36), Frei João Gonçalves de Mendonça no seu *Itinerário do Mundo* (in principio anni 1586). E os testemunhos dos nossos Argonautas Portugueses que algumas vezes ainda que muito poucas tiveram vista da dita ilha se bem até agora não sabemos quem a penetrasse.

Deste lugar pois e desta Ilha Encoberta é donde há-de vir o prodigioso Leão de que tratam os vaticínios de Esdras que o nosso Sereníssimo Rei Encoberto que nóa (porque já o temos ???) dizemos ser o Senhor Rei D. Sebastião.

Ora ouçamos também agora sobre esta matéria outros vaticínios para que se veja o como se conforma com eles o que temos dito de Esdras sobre a vinda do Leão em que falamos do Grande Rei Encoberto, o nosso Sereníssimo Rei Dom Sebastião.

A Sibila própria o diz:

Vendrá en un cavallo mayor que el troyano [...] mar oceano.

Vaticínios que se acharam ao Arcebispo de Lisboa (coplas 13 e 14):

Terra no meyo do mar [...]



SAUDADE

Que tesouro aqui se encerra.

Bocarro, *Anacephaleosis* (oitava 18):

*Do coração no tímido oceano [...]
Otomano.*

Frei João de Rocacelsa (copla 12):

*Saldrá de la oculta cueba [...]
Y con nel synistro lado.*

Esta cova oculta, este coração do tímido oceano, estas terras postas no meio do mar é aquele lugar que cinge e cerca a espuma do mar oceano, são o mesmo a que Deus no presente texto de Esdras chama bosque e chama coração do mar.

E outros comuns dos que aqui são postas duas esperanças com a dos que aqui referimos acima. Ilha Encoberta é este o lugar aonde se oculta e onde se há-de descobrir o Tesouro dos nossos desejos, o nosso tão desejado como Encoberto Rei Dom Sebastião, tanto mais admirável e prodigioso quanto mais encoberto, que assim o tem ordenado o Céu que seja a tanta multidão dos seus para que cresça com as esperanças a estimação das grandezas e felicidades que neste texto de Esdras se nos prometem com sua vinda e com seu descobrimento.

Padre Manuel Luís Maldonado



SAUDADE

A Ilha Encoberta em Solene Procissão, em Angra do Heroísmo, no ano de 1651 ¹⁴

Nela saíram as imagens dos santos, que haviam existir nos altares das capelas da igreja, em seus andores armados com tal capricho, que foi louvado o artifício, e admirado o custo das jóias com que iam brincados; e sobretudo o que mais excedeu e realçou, foi a compostura da gala de nove figuras, que representavam o nome e validade destas ilhas dos Açores, vestidas e trajadas no seguinte modo, que exponho para dar gosto aos curiosos.

Era a primeira a Ilha de Santa Maria, que se adiantava às mais por ser a primeira dos Açores que foi povoada. Vestia à tragica com roupas de Primavera, espartilho com guarnição de pérolas e morrião de plumas em que se via gravada a cruz do hábito de Christo; cujas empresas denotavam ser do mestrado daquela Ordem: levava um pendão por modo de troféu com um algarismo que dizia 1432, aos 15 de Agosto, como dizendo que naquele mês e ano fôra povoada.

Seguia-se S. Miguel com roupas varonis, e peito espaldar, morrião de plumas, bastão de general, escudo embaçado com um algarismo que dizia 1444, aos 8 de Maio, denotando no bastão que dera generais na guerra, títulos na Corte, e no algarismo que naquele mês e ano fôra povoada.

Seguia-se a Terceira, significando ser a terceira na povoação; vestia roupas de tela guarnecidas de palhetão, fino, espartilho de ricas e preciosas jóias; ornada com coroa e ceptro, mostrando ser corte em que residiu o senhor Rei D. António, e que nela houvera Relação, Mesa da Consciência, Desembargo do Paço, e Casa da Moeda: era sua insígnia uma palma em sinal das vitórias que teve contra os castelhanos, expulsando-os de si, e que nesta mesma palma, levava a palma às mais ilhas no trato, abundância, e fidalguia: embaçava um escudo que dizia 1400, como dizendo que neste ano fôra povoada.

Seguia-se o Faial com roupas varonis de várias e diversas cores, e trunfa de Bretanha, significando assim que fôra o seu primeiro povoador *Flamengo*. Ornava-se com espada e rodela, mostrando que já se vira em guerras em que padecera as opressões que nelas se experimentam; e levava por insígnia um ramo de faia unido a uma folha de inhame, em que mostrava ser o *faial* seu brasão, e que dos frutos da

¹⁴ Cf. *Fenix Angrence*, Angra do Heroísmo, 1990, p. 334-335. Acompanhou esta procissão o Cabido da Sé de Angra e ministros paroquiais, bem como todo o demais clero de várias Ordens, e outrossim o Senado da Câmara, as irmandades e as confrarias com suas tochas e opas, debaixo das suas cruces.



SAUDADE

outra planta se mantinha. Levava o Faial ao seu lado esquerdo o Pico, em que mostrava serem aquelas ilhas ambas povoadas em um tempo: vestia o Pico à tragica, com gala varonil de menor custo, meias e alparcas, dando a entender que já nunca em tempo algum passaria sem alparcas, e que por pobre e miserável lhe faltavam os cabedais para luzir com gala de mór custo; era sua insígnia uma parreira em que denotava o abundantíssimo fruto dos vinhos de que abundava; esta parra com submissão oferecia ao Faial, como confessando ser seu súbdito, e que dos frutos daquela parra, que eram seus, tinha o Faial os lucros. O que mais era para ver, e em que todos se enlevavam foi na trunfa por modo de pirâmide de que se compunha a cabeça da figura do Pico, que como ser de uma desproporcionada altura era toda composta de aljofar, significando na altura e alto e desproporcionado promontório de que se intitula, e na brancura do aljofar a neve de que de ordinário e a todo o tempo está coberto.

Seguia-se S. Jorge com borzeguins, calção, samarra tudo de diversas cores, como dando a entender que foram diversos os seus primeiros cultores, e que por ser ilha tão áspera necessitava de botas e borzeguins: levava chapéu de várias e diversas plumas, com a jactância de que tinha parentesco com as principais famílias da Terceira, diversificadas nos nomes e apelidos. Era sua insígnia uma *Silva*, confessando nela que fôra o seu primeiro povoador Silveira.

Seguia-se a Graciosa vestida de roupas brancas, porque foi o seu primeiro nome a *Ilha Branca*: cingia um alfange pelo haver ganhado na ocasião em que fôra de sete naus turquescas acometida, levava cabelo solto e cabeça descoberta, em sinal que é tão limpa que não contém em si mata alguma, nem palmo de terra que se não fabrique: era sua insígnia umas espigas de cevada, significando nelas que era aquele o fruto da sua mór cultura; ostentava no braço esquerdo um escudo de armas, denotando a nobreza dos seus primeiros, de que tomam hoje seus habitantes o nome de fidalguia, que não há nenhum que se não jacte de fidalgo.

Seguia-se as Flores vestida à tragica, toda semeada de várias flores com capela e grinalda, denotando nelas o seu nome. Levava por insígnia uma cruz, confessando nela a veneração do seu Senhor da terra, que é o Excelentíssimo Conde de Santa Cruz. De uma e outra banda levava um corvo, figurados com tal engenho e artifício, que não deferiam no parecer, e representação da semelhança daquelas aves; porque buscando-se dois negritos de igual altura neles se formou na parte extrínseca o corpo e feitio daquelas aves, que cobriram de pena com tal curiosidade, que parecia natural. Estes corvos denotavam o *Ilhéu do Corvo* sufragâneo daquela ilha.

Seguia-se finalmente a Ilha Encoberta riquissimamente ornada, coberta porém de um ló branco finíssimo, significando assim de que não estava patente à vista.



SAUDADE

[...]. Fabricaram-se outrossim três altares públicos nas ruas da cidade, um na Praça, outro ao canto da Esperança, outro na rua de S. João; estes, além do artifício, que foi com todo o primor da arte, levantados por modo de pirâmides, (e o da praça em quatro lados correspondentes) foram ornados com as imagens mais perfeitas que se acharam em Angra, guarnecidos com peças de prata, púcaros, e jarros, tudo em tanta cópia, que se poderia afirmar eram aqueles altares mais que de prata batida. Em tanta máquina quanto se há referido posta em público, patente à vista de todos bons e maus se procedeu com tal resguardo, e cautela que se não divertiu peça alguma, sendo a coisa única que faltou uma pequena parte de uma jóia, que por mal segura se desuniu do principal, que refizeram os Padres com o gasto de dois ou três mil réis, sendo que se avaliava a perda dos furtos de tudo o que nesta ocasião saiu a público em muitos mil cruzados.

Recolhido o Senhor na sua nova igreja, esteve nos três dias seguintes exposto com todo o aceio e realce que convinha, assistido da melhor música que na terra se achava, e de toda a nobreza de Angra, que não faltou neste concurso de tanto empenho: cantou nestes três dias missa solene, sem diácono nem sub-diácono o Padre Reitor Pedro Barroso, que foi um dos mais celebrados religiosos que residiram até àquele tempo no Colégio de Angra, por suas letras, virtude, e prudência: houve pregação de manhã e de tarde em todos os ditos três dias.



SAUDADE

Atestação que passou D. Francisco de Meneses, antes de falecer, doente, pouco depois de ter desembarcado em Lisboa ¹⁵

D. Francisco de Meneses cavaleiro professo na Ordem de Cristo, fidalgo da Casa de Sua Majestade, etc. Certifico pelo hábito que professo, que vindo eu da Ilha Terceira para esta cidade e corte, em a nau Esperança, em que vinha por piloto João Furtado, e perdidos por causa de uma tormenta no dia 19 de Janeiro de 1669 sobre a tarde, e já sem esperanças de vida, passada a noite para o dia 20 do glorioso mártir S. Sebastião, chamando todos por ele naquele conflito, nos veio um dia admirável, e vimo-nos na altura de uma ilha nunca vista pelo piloto, nem por gente marítima, na qual se divisava um grande cais e nele passeando gente armada e a cavalo, e chegando-nos mais perto nos atirou uma fortaleza ao lume da água e vimos um cavaleiro em um cavalo castanho, com barbas compridas e brancas, e logo junto a ele um estandarte com uma lança e outras muitas pessoas fazendo muitas cortesias tudo aos nossos usos, e trajes portugueses; e gritando aquele cavaleiro das barbas brancas por D. Francisco de Meneses [duas ou três vezes lhe ouvi dizer] *D. Francisco de Meneses a Deus nada é impossível, não sejais incrédulo, vosso avô D. Duarte de Meneses meu aio, sempre o conservei*, e dizendo isto e marchando pelo dito cais acompanhado de multidão de cavaleiros, que a meu ver eram bastantes, e querendo nós chegarmos mais a terra vimos que se abria um rio em que estavam navios e embarcações de alto bordo, e várias galeras, e ficando todos pasmados do que víamos, logo em continente se ouviu um grande trovão, e desapareceu tudo quanto tínhamos visto, e ouvido. Largámos muito depressa, e fomos correndo com traquete alto, que aquietou e não vimos mais a tal ilha até hoje 10 de Maio de 1669. Torre do Tombo a fl. 130 do Livro 5^o no ano de 1669 (Copiada pelo padre José Borges da Companhia).

Carta dos Padres Frei António de Jesus, e Frei Francisco dos Mártires, em que dão conta do sucesso, que tiveram na Ilha Encoberta,

¹⁵ Cf. *Notícia da Ilha Encoberta*, in *Museu Histórico e Recreativo*, n. 23 (Lisboa, Nov. 1863), p. 179-180 [BN: J 108 B].



SAUDADE

vindo do Maranhão para Lisboa, etc. ¹⁶

Partindo nós do Maranhão em um navio, por nome Nossa Senhora da Penha de França, de que era Mestre, António de Sousa Viana, natural da dita, em 8 de Julho de 1678, com bom tempo, e fazendo a viagem com o favor de Deus para a Corte de Lisboa, se armou de repente tão grande tempestade, depois de 4 dias de viagem, que a todos nós ameaçava com a morte; e não me quero deter em dizer as moléstias, que passamos, por não enfadarmos. Continuou esta tempestade coisa de 16 dias, e já quase desconfiados da esperança de vida nos vimos livres de tão grande naufrágio aos 20 dias: mas, como andávamos desgarrados, e o piloto tinha perdido o rumo da terra que buscávamos, num Domingo pela manhã, muito cedo, vimos o mar tão plano e sereno que tivemos esperanças de bom sucesso. Descobrimos uma ilha pela parte do Sul e denotava ser país grande. Cresceu-nos o desejo de a irmos ver, imaginando ser a Ilha da Madeira, e nela prover-nos do necessário para fazermos a nossa viagem para o reino. O piloto já com os olhos abertos e entendimento claro a foi logo demandar, e estando já perto dela nos desenganamos não ser a ilha da Madeira, nem nenhuma das Ilhas habitadas, por ter ido já a todas, e saber muito bem os portos do mar. Levantou-se um ruído, em que diziam ser a Ilha Encoberta próximo da Madeira. Navegamos todo aquele dia com bom vento; e de noite tomou-se pano até amanhecer; de onde a vimos tão clara e mais agradável à vista; e também desenganados não ser nenhuma das Ilhas habitadas, todos recebavam saltar nela. O mestre fazendo seus protestos não queria que ninguém fosse a ela, e que seguíssemos a nossa viagem; mas eu e mais meu companheiro tomamos esta empresa, e nos oferecemos a tudo que nos podia resultar, e nos entregamos nas mãos de Deus, nos escolhesse o melhor; mas com seu favor havíamos saber que terra era, que

¹⁶ Frei António de Jesus era religioso capucho do convento de Santo António do Campo de Santana, em Lisboa (por vezes chamado André de Jesus [BN: cod. 503], outras José de Jesus [in *Anti-Sebastianismo*, Lisboa, 1809, p. 23 e 27], co-autor com Frei Francisco dos Mártires, de uma *Notícia da Ilha Encoberta* (29 de Maio de 1669), a qual ambos alegaram ter visitado no ano de 1668, quando, a bordo do Nossa Senhora da Penha de França, regressavam do Maranhão [BN: cod 7693, fl. 70]. O relato original achava-se no cartório do convento de S. Francisco de Lisboa, tendo sido transcrito pelo Provincial dos religiosos de Santo António de Lisboa, Frei António da Ressurreição, que tal terá jurado “in verbo sacerdotis”. Cf. *Academia dos Humildes e ignorantes – Conf. XLVIII*, Lisboa, 1760, p. 382-383. Anda impressa in *Anti-Sebastianismo ou antidoto contra vários abusos* (Lisboa, 1809, p. 23-27), *O Spiritismo: Ilha Encuberta e Sebastianismo*, Lisboa, 1884, p. 140-144, etc. Ver Teófilo Braga, *Cancioneiro e Romanceiro Geral*, v. 2, Porto, 1867, p. 211.



SAUDADE

moradores tinha, e quem governava; e tendo nós este intento nos disse o Mestre seus receios, e que daí a três dias nos esperava naquele lugar, e sendo acaso que nos três dias não viéssemos faria a sua viagem. Nós com toda a cautela aceitámos a empresa, e a tudo nos oferecemos. Botámos lancha fora na Segunda-feira pela manhã com dois marinheiros que nos botaram em um cais muito bom, findando em uma grande estrada por um arvoredor grande; e vimos muitas aves e pássaros em quantidade, inabitável de gente, e os pássaros domésticos, e andámos perto de meia légua. Já com a desconfiança de voltar para o navio, demos com um Palácio, que à vista parecia muito antigo, mas de notável artifício, porque era fundado sobre uns arcos grandes, e no meio deles, e em cima um grande jardim com várias flores, e árvores; e por cima iam outros arcos, em que estava fundada uma admirável torre com grande genealogia, e em cima uma flor feita de metal, que aparecia duas léguas à vista. Destes palácios nos saíram sete homens tristes, e melancólicos de rosto, e semblante macilento, e em suas palavras pareciam ser de língua portuguesa, mas não muito clara, com os vestidos à Nazaré, barbas grandes, e os corpos de estatura alta, cingidos todos com os seus traçados, e alguns nos faziam grandes perguntas, e que gente eramos e quem nos trouxera ali a lugar tão oculto, e que rei era o nosso. Toda esta gente parecia do outro mundo. Com grande aplauso e termos de cortesia fomos levados a um palácio que parecia encantamento, ao entrar tivemos grande medo, mas não o manifestámos, passámos por vários guardas até chegarmos à sala, onde estava o Rei e o Governador desta gente, a quem nos apresentaram. Era ele de idade em número, não afirmamos o certo, mas à vista parecia-nos de 60 anos; barba veneranda e a representação de majestade. No que logo reparámos foi que nos conheceu pelos hábitos, e tanto que nos viu nos disse que eramos portugueses, e que esta era a melhor nação de todo o mundo. Entre muitas perguntas, que nos fez, foi essa e muitas vezes perguntar-nos pelo nome do nosso rei, de quem era filho, e de onde descendia, e com que Reino tinha guerra, ainda que eramos vistos nestas histórias respondemos o que sabíamos, e donde vínhamos, e quem nos trouxe ali, e lhe contámos o sucesso de como ali aportámos; depois destas perguntas, em que nos examinou muito bem nos levou à sua cela de grande factura, e nos modos, e no casco dela parecia de grande majestade, e nos pediu este majestoso Velho pusesse os olhos em um quadro de antigas pinturas, e o fizemos com toda a atenção. Nele estava pintado um grande exército, mas já muito derrotado, e como vencido do inimigo, e da outra parte do mesmo quadro outro exército, mas muito vitorioso, e no traje, e cavalos parecia Mauritano, ambos eles eram de cavalaria; mas no vencido, que a nosso ver parecia português, saíam dele alguns cavaleiros, e com pressa se vinham embarcar em umas faluas, que iam para uns navios de alto bordo que nas bandeiras e cascos pareciam portugueses, e deste quadro ficámos muito admirados; e de outros



SAUDADE

quadros que nesta grande sala estavam pintados com outras grandes coisas. Fomos levados à outra sala, aonde nos mostraram umas estátuas feitas de mármore muito fino; e pareceram Reis pelo modo que eram feitos, e olhámos para algumas coisas delas, e conhecemos serem os Reis Progenitores desta Personagem, e vimos ali esculpidas várias histórias dos Reis de Portugal, de que ficámos admirados; e esquecidos dos tectos das salas nos mandaram que olhássemos para cima, aonde vimos a cidade de Lisboa, e o Reino de Portugal, pintado tudo ao natural, e algumas coisas dignas de admiração; mas com a pressa e cuidado que tínhamos na embarcação, não punhamos muita atenção nas coisas que ali nos mostravam. Dali nos levaram a um jardim de várias árvores, e no meio dele estava uma Ermida muito curiosa, e digna de toda a veneração, cuja porta guardavam dois leões, aonde tinham feito um passeio, e não deixavam entrar ninguém, senão indo com o Rei, e as pessoas que com ele estavam. Tinha esta Ermida um altar muito asseado com um retábulo de Nossa Senhora, na mão esquerda seu bento Filho, e na mão direita uma espada colubrina, que fazia acção de a dar ao Rei; e advertimos que em toda esta Cidade não vimos nem Clérigos nem Frades. Tornámos outra vez à sala, por onde entrámos já quase horas de jantar, e nos levaram a outra casa, aonde estava posta uma mesa e nos hospedaram com carne de veado, e carneiro muito bom, muito vinho, mas algum tanto áspero, e muita quantidade de laranjas, e limões doces; e entretanto que nós comíamos, estava este velho também jantando com grande pompa; da Ermida trouxeram os leões, que os puseram à porta da recâmara, aonde estava a mesa Real; e tanto que se acabou de jantar saímos para a dita Ermida: mas nós com o sentido no navio, não quisemos fazer muita demora e nos levaram a ver algumas coisas, e ruas principais, onde vimos oficiais de Sapateiros, e Alfaiates, e alguns Cavaleiros, mas pouca gente, e as casas de pedra mas negra e muito antigas, e todos folgavam de nos ver. Nesta Cidade vimos uns Ribeiros correndo água muito excelente, que vem ter ao mar, e no meio da Cidade uma praça, e um Chafariz com doze bicas, coisa a mais grande que pode haver; neste chafariz estavam umas armas muito antigas que nós não divisámos bem, mas chegando mais perto eram as cinco Quinas de Portugal, de que ficámos admirados, e à roda destas armas estava uma letra - *axlibiacids* - mas não a pudemos entender. Viemos acompanhados até ao Cais, e em nossa companhia o majestoso Velho acompanhado de 30 escudeiros, todos bem vestidos com seus traçados à cinta, e descarapuçados; e ao pé do Rei o leão que o acompanhava; adiante desta gente vinham uns tocando tímboles: e tanto que chegámos ao Cais já quase 4 horas nos mostrou o Rei dois retratos, donde nos tinham retratado muito bem, e nos mandou que cada um de nós puséssemos o nosso nome, e que nos fossemos embora, que lá ficavam os nossos retratos para lembrança; e acenando para o navio com o lenço, veio a lancha e nos levou para bordo, e não quisemos navegar naquela noite, e



SAUDADE

à capa estivemos até ao outro dia a ver se ainda a víamos; porém ela logo se ocultou, e navegámos ao outro dia, e demos com a Ilha da Madeira onde estivemos 4 dias, e nos disseram que esta terra se avistava por tempos: Isto afirmamos nós *In verbo Sacerdotis*, e pela verdade, que como religiosos somos obrigados a dizer. Em 29 de Maio de 1679 = Fr. André de Jesus = Fr. Francisco dos Mártires =





SAUDADE

Relação do sucesso que teve o Patacho chamado Nossa Senhora da Candelária da ilha da Madeira, o qual vindo da Costa de Guiné no ano de 1693 uma rigorosa tempestade o fez varar na Ilha Incógnita ¹⁷

Depois que fizemos os nossos resgates na Costa de Guiné, com vento favorável, avistámos as ilhas de Cabo Verde, e nesta altura repentinamente nos vimos cobertos de uma névoa escura, de tal modo que os companheiros nos não conhecíamos [que nos não conhecíamos uns aos outros]; e como nestas paragens se não estranha esta cerração, nos deixamos levar da corrente das águas, ainda que nesta ocasião começavam os ventos a soprar diversamente. A breve espaço [Ao mesmo tempo, a breve espaço] sentimos que as águas se moviam com um impetuoso vaivém, e logo fuzilando os ares, foi tal a chuva e o repelão dos ventos, que sem governo atiraram [atiravam] connosco por tais partes que não discorremos outra coisa mais que o procurar [que procurar] salvar as Almas.

O Traquete e a Mezena voaram, o leme se arrancou, e, fazendo água a embarcação por todas as partes, sem que a pudéssemos segar [secar §], quinze companheiros que eramos, trabalhámos em [para] formar uma jangada para nos entregarmos [sobre a qual nos entregássemos] às ondas, procurando dilatar a vida, pois na embarcação tínhamos certamente a morte perto [certa a morte]. Lutamos toda a noite com todos os elementos [§]; o ar se via abrasado para a parte do

¹⁷ O relato, encontrado em 1699, após a morte do mestre do mesmo Patacho, seria impresso em Lisboa Ocidental (Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho), no ano de 1734 [BPNM: BibVolante 2-55-7-21 (31º); BA: 55-IV-23 (7º)]. Também intitulada *Relação do Capitão [José] Tavares, que morreu no ano de 1710, achada por sua morte, entre outros papéis*, in *Sobre o Sebastianismo* [...], p. 142-149. Bernardo Gomes de Brito, organizador da *História Trágico-Marítima* (Lisboa, 1908, p. 5-15) inclui no v. 9 da miscelânea a *Relaçam do sucesso, que teve o Patacho chamado N. Sr^a da Candelária da Ilha Madeira*, creditado a Francisco Correia. Diogo Barbosa Machado e Inocêncio atribuem ao Padre Victoriano José da Costa a autoria da *Relação do Sucesso que teve o Patacho chamado N. Sra. da Candelária, da ilha da Madeira, o qual vindo da Costa da Guiné, no anno de 1693, uma rigorosa tempestade o fez varar na Ilha incógnita* (Lisboa, 1734), impresso com o nome de Francisco Correia, mas também atribuída ao Capitão José Tavares [BN: cod. 627, fl. 74-79v; *Sobre o Sebastianismo: um curioso documento do começo do século XVIII*, Coimbra, 1959, p. 142-149; DCL: P-101-144 (cópia ms. de 1772)]. Camilo Castelo Branco, *Nova solução do problema histórico*, in *Noites de Insomnia*, v. 3, Porto, 1874, p. 39-51 [resume o relato e apresenta os naufragos, salvos numa jangada, aportando à Ilha Incógnita, onde três deles se encontram e falam com D. Sebastião]. Transcrito com variantes in *Spiritismo...*, p. 145-151.



SAUDADE

estibordo, e tantos raios e coriscos despedia que as águas se abrasavam [§]; os ventos eram tão fortes que pareciam [parecia] desuniam a Terra, e que repartida em partes se arrojava sem ordem com furioso impulso por partes muito remotas [com furioso impulso §]; as ondas verdeneiras se encapelavam, e abrasadas [encapelavam abrasadas] com [como] a multidão do fogo que caía do ar, se abriam [ar, e se atiravam] raivosamente para tragem e cozerem nas suas fundas [para tragem em suas profundas] entranhas o nosso triste baixel [§]; a terra, é que era todo [A terra era todo] o nosso cuidado para ao menos salvarmos as vidas.

Amanheceu, sem que soubéssemos a altura em que [Amanheceu, enfim, sem sabermos em que alturas] estávamos, e desfeita a cerração, para a parte do leste descobrimos ao longe, em distância de quase [distância quase] duas léguas umas montanhas, ao que parecia coroadas de arvoredos [árvores]. Como não tínhamos governo, a não demandámos, mas deixando-nos levar da corrente, em pouco tempo varou o patacho em terra; em que todos [aonde todos] saltámos, dando graças a Deus, por nos livrar do passado naufrágio.

Tratámos logo de salvar a fazenda e para reparar a embarcação, cortámos madeira, aplicando-nos com cuidado, para nos retirarmos, por entendermos ser [seria] terra de cafres, e fugirmos do perigo [dos perigos], que muitos tinham experimentado nestas paragens em ocasiões semelhantes [que muitos tinham encontrado nestas paragens].

No tempo que os companheiros tratavam do reparo da embarcação, eu, e Manuel Antunes [A tempo porém em que os companheiros trabalhavam nisto, Eu, Manuel Antunes] e João de [da] Arruda preparámos os escabuzes [arcabuzes], e rompendo o mato, por uma e outra parte, por [para] ver se acaso descobríamos [se descobríamos] rasto [rosto] de gente e caça para comermos; notámos que a terra erailhada, habitada de Aves, e Monstros e abundante de [Monstros com muitos] víveres que a Natureza [terra] liberalmente produzia, sem benefício de lavradores [produzia sem a menor cultura]. Mono vimos [Um mono vimos], que tinha como oito palmos de altura e com dentes de quatro dedos; tiramos-lhe [atiramos-lhe] com bala sem que lhe fizesse impressão; antes subindo-se a uma árvore se pôs a fazer acções indecentes; Cobra vimos [Vimos uma cobra], que tinha a grossura se um pipote [pipo] de oito almudes; e fazia tal ruído que nos deu em que cuidar, por nos vermos [deu em que entender por estarmos] sem balas para a defesa [defesa], se nos investisse. Trouxemos caça, e frutas [caça, frutas], e arroz bastante para satisfazer [matar] totalmente a fome, em três para quatro horas que andámos sem encontrar criatura racional.



SAUDADE

Comemos alegremente [Comendo alegremente], sem que já nos lembrássemos os perigos em que nos víamos; e sem o susto de que a ilha fosse habitada de gentes, que nos dessem algum cuidado.

Trabalhou-se todo o [trabalhou-se o resto do] dia, e deixando vigias, descansámos [§]; e na [Na] manhã seguinte, que se contavam sete de Agosto, ainda mal se divisava a luz, quando vimos sair da água uma mulher marinha, e com tanta ligeireza entrou na terra, e subiu ao monte, que não tiveram todos os companheiros o gosto de a verem [que não tiveram todos os companheiros tempo de a ver].

Tinha todas as perfeições até à cinta, que se discorrem na mais formosa, e somente a desfeavam as grandes orelhas que tinha, pois lhe chegavam abaixo dos ombros, e quando as levantava, lhe subiam a distância de mais de meio palmo por cima da cabeça. Da cinta para baixo estava toda coberta de escamas, e os pés eram do feitio de cabra, com barbatanas pelas pernas. Tanto que se viu no monte, pressentindo ser vista, deu tais berros, que estremecia a ilha, pelo retumbo dos ecos; e saíram tantos animais, e de tão diversas castas, que nos causou muito medo. Arrojou-se finalmente ao mar pela outra parte com tal ímpeto, que sentimos nas águas a sua veemência.

Todos se assustaram, menos eu, pois já tinha visto outra no Cabo da Gué; e tinha perdido o medo com outras semelhantes aparições; e me lembra que junto a Tenerife vi um homem marinho de tão horrendo feitio, que parecia o mesmo Demónio. Tinha somente a aparência de homem na cara, na cabeça não tinha cabelos, mas uma armação, como de carneiro, revirada com duas voltas; as orelhas eram maiores que as de um burro, a cor era parda, o nariz com quatro ventas, um só olho no meio da testa, a boca rasgada de orelha a orelha, e duas ordens de dentes, as mãos como de bugio, os pés como de boi, e o corpo coberto de escamas, mais duras que conchas. Uma tempestade o lançou em terra, e tais bramidos deu, que entre eles expirou, e para memória se mandou copiar a sua forma, e se conserva na casa da Cidade daquela ilha.

Continuámos na caça, para nos alimentarmos e aos que trabalhavam; quando no terceiro dia, que se contavam oito de Agosto, avançando mais ao interior da ilha, avistámos um monte, e dele ouvimos uma voz que dizia: "Portugal, Castela; Portugal, Castela". Olhámos a todas as partes, sem ver quem articulava as vozes que ouvíamos, e continuavam: "Portugal, Castela; Portugal, Castela". Preparadas as armas, rompemos mato, e subimos à montanha, seguindo as vozes, e em uma concavidade natural, vimos um venerável homem, em vestido humilde, que nos chamou, e chegando nós com as armas dispostas para qualquer sucesso, nos falou desta maneira, pondo-se de joelhos, e beijando a terra:



SAUDADE

“Graças a Deus, Senhor; infinitas graças vos dou, por me chegares a tempo, depois de tantos anos, em que eu visse gente da Europa”; e logo olhando gravemente, e cortês para nós, disse:

“Senhores de que nação sois?” Nós pasmados, não acertávamos a responder; e conhecendo ele o nosso susto, nos animou brandamente, rogando-nos para a sua pobre habitação, adonde entrámos, e sentados em um tosco pau, nos falou com tais palavras:

“Senhores, sois Portugueses ou Castelhanos? Respondei sem susto, que não tendes, quem nesta ilha se oponha aos vossos desígnios. Se me procurais, para acabar com a minha vida, aqui me achais sem resistência, e sem defesa mais que a de Deus; e como de tanto viver estou aborrecido, grande favor me fazeis em me aliviareis de tão grande penalidade”.

Eu, que respeitava a sua pessoa, desejando satisfazer à sua pergunta, o certifiquei, de que eramos Portugueses, que arribáramos com um grande temporal àquela ilha: do que, tanto que me ouviu, posto de joelhos, levantadas as mãos, pondo os olhos no céu, soltando as lágrimas, deu graças a Deus, dizendo: “Ah bom Deus, quão grande é a vossa infinita Providência!” E levantando-se nos abraçou e saudou dizendo: “Meus Portugueses, meus Portugueses”; sem que as lágrimas cessassem: e levando-nos para o interior da cova, nos fez sentar junto a si, perguntando-me pelos companheiros, e pelo nosso infausto sucesso, de que lhe demos larga conta. Perguntou-nos quem reinava em Espanha, e sabendo que em Castela reinava Carlos Segundo, e em Portugal D. Pedro Segundo, suspirando com alvoroço, disse: “E Portugal tem Rei! Oh Deus imenso, que te lembraste do teu Reino!”

E dizendo-lhe nós como fora aclamado El-Rei D. João Quarto, e os milagrosos sucessos daquele dia, não cessava de mostrar o gozo, que interiormente sentia: e logo repetindo novas lágrimas, suspiros, e soluços, nos perguntou pela Conquista de África, ao que respondemos dando-lhe conta do que sabíamos, e como desde a batalha, que perdera El-Rei D. Sebastião, se não continuara, tomando-se horror a tal terra: e desejosos nós de sabermos com quem tratávamos, lhe pedimos nos consolasse, dizendo-nos quem o levava àquela ilha incógnita, e não arrumada nas Cartas, e Roteiros; ao que satisfez com tais palavras.

No tempo, que Filipe segundo entrou com violência em Portugal, se retirou muita gente, por não ver o seu Reino, recuperado das mãos dos Mouros pelos nossos ascendentes, sem ajuda dos vizinhos, sujeito a Príncipe estranho. Muito tempo andei retirado, percorrendo pelo interior de África, passei a Palestina, e outras terras, tendo tantos trabalhos por muito suaves, na consideração, de não ver com os meus olhos o quanto padeciam os meus naturais; e passados alguns anos, passando à Europa, caí nas suas mãos; e entregando-me a certos homens, me levaram a uma embarcação na



SAUDADE

Baía de Cádiz, que prontamente se fez à vela. Tinha o Cabo ordem particular para que em certa altura me lançassem ao mar, sem que me ouvisse, nem me deixasse falar; e notando ele as minhas acções, e inocência, suspendeu a execução; até que na altura de Cabo Verde, me intimou a ordem com tanto pesar, que bem entendi o desejo que tinha de me favorecer. Preparou-se uma lancha, o melhor que se pôde, e nela se pôs mantimento para três dias. Entrou logo a animar-me, exortando-me a que confiasse em Deus, que me poderia livrar do perigo, a que me haviam de expôr; e me mandaram baixar à lancha, o que não quis executar, sem me confessar, e me preparar espiritualmente para entregar a alma a Deus; que tudo se me concedeu; e tanto que baixei, cortaram o cabo, e me entregaram à disposição das ondas. Não perdi o ânimo, antes constante sofri este golpe, esperando que Deus olhasse para a minha causa; e nadando a lancha livremente, na manhã seguinte de quatro de Outubro, cheguei por acaso a esta Ilha, em que habito sem que no discurso de tantos anos visse alguma criatura racional. Penetrei o interior, encontrando a piedade nos brutos, que não experimentei nos homens; e encontrei esta concavidade, que a Natureza devia ter obrado para meu abrigo. Aqui me recolhi, aqui tenho passado tantos anos, sustentando-me com datiles, e outras frutas. Vivo, e não sei para o que vivo; Deus o sabe para quê. Compadecemos-nos todos da sua solidão; e o rogámos para descer, e nos fazer companhia pelos dias que ali estivéssemos, o que dificultosamente conseguimos.

Recolhemo-nos todos, e tanto que os companheiros viram o novo hóspede se alegraram muito; representava ele um aspecto senhoril, entre grave, e brando, em idade pouco mais ou menos de vinte e cinco até trinta anos. As suas palavras todas eram santas, o ânimo guerreiro, e sofrido. Quinze dias nos detivemos no reparo da embarcação, depois que ele chegou à nossa companhia, e nos ajudava, ordenando o que se havia de fazer, com tal suavidade, que não sentíamos o trabalho; não cessando de suspirar todas as vezes que fazia particular reflexão em algum de nós. Mostrava ardente desejo da conquista de África; e sempre rezava pelos que tinham falecido nesta demanda. O viver tantos anos atribuía à clemência dos ares daquela Ilha, em que nunca padecera moléstia; e aos que se admiravam de tanta saúde, e de tanta vida sempre com o mesmo semblante, dizia: *Deus que me livrou de tantos perigos me sustenta; ele sabe o para quê.*

Carregámos a embarcação, e o convidámos a que viesse connosco para o Reino, desejosos de o tirar daquela solidão, e de que se visse em Europa um tal prodígio; porém ele encarecidamente nos pediu com as lágrimas nos olhos que o não precisássemos a tal jornada, pois não chegara ainda o tempo de passar a Portugal; que pelo amor que nos tinha o lançassemos, terra firme, em qualquer parte de África;



SAUDADE

e que debaixo da palavra que lhe havíamos de dar como Portugueses partiria connosco; o que lhe jurámos.

Perguntamos-lhe se tinha alguma coisa na sua cova, que embarcasse, e respondeu, que desde que nela entrara não cuidara mais que viver para Deus; e que todos os anos lavrava por suas mãos uma túnica de folhas de palma, para cobrir honestamente o corpo; na cova não tinha mais que uma Cruz, que por suas mãos fizera de madeira; e que essa deixassem, para que naquela terra ficasse o sinal da nossa Redenção; e quando ela se povoasse nos tempos futuros se acharia também a notícia do seu habitador.

Embarcou-se connosco, beijando a terra, com muitas lágrimas; fazendo-nos à vela, esteve em nossa companhia dois dias e meio, em que nos contava monstruosidades daquela Ilha; e satisfazendo ao seu pedimento o lançámos em terra duas léguas distante de Arguim, expondo-lhe os perigos a que se expunha, sem que o pudéssemos persuadir a suspender o desembarque em terra de Bárbaros; ao que respondia, que Deus que o conservara até aquele tempo, o livraria de todos os perigos.

Despediu-se de nós com tantas lágrimas, e gosto, que bem mostrava as saudades que de nós levava, e o quanto se alegrava de passar àquela terra. Abraçou-nos a todos, e saltando em terra, a beijou, e levantando as mãos agradeceu a Deus as mercês que lhe fizera, e esperava receber da sua piedosa mão; e penetrando aquela Costa inculta, nos deixou sentidos pela falta da sua companhia.

Jamais podemos alcançar o sabermos dele a sua pátria, e nome; divertindo a resposta politicamente com tanta gravidade, que nos não dava confiança para instarmos; e somente ao despedir-me disse, que a seu tempo o saberiam os nossos descendentes; e dizendo-lhe eu nos consolasse ao menos declarando o tempo, nos disse que Deus o sabia.

Vários discursos fizemos sobre este homem, conservado por tantos anos naquela Ilha, e agora caminhando por tais desertos, e nos persuadimos ser coisa maior. Deus o leve, e traga a salvamento.

Esta Relação, que alguns curiosos guardam ambiciosamente, se publica para que chegue a todos notícia tão particular, e se castigue deste modo a avareza dos que ocultam semelhantes memórias. E o ser fielmente trasladada do original o juro aos Santos Evangelhos.



SAUDADE

**Cópia de uma carta que
Antônio Duarte Bulhões, escreveu ao capitão
Francisco de Albuquerque Cavalcante,
morador em Pernambuco**¹⁸

Como Vossa Mercê me tem feito participante de algumas novidades sucedidas nesse Recife, e em seus reconcâvos, que pela distância de lugares faz admirar, me pareceu acertado comunicar-lhe uma, que há poucos tempos sucedeu nesta Costa, digna de ponderação para constar de seu princípio.

Navegava deste Porto do Maranhão para o Grão-Pará Antônio Rodrigues Bremudo, Genovês de nação, casado nesta terra com Patornilha de Bulhões, homem certamente de boa fama, e de bom procedimento. Este partiu para o Grão-Pará com uma Barca pequena, em 29 de Novembro do ano passado, de 1756, engolfando os mares por causa dos Nordestes, que nesta costa sempre são muito nocivos. Em 27 do dito mês, às nove para as dez horas, avistaram para as partes das Martinicas muitas velas, e em pouco espaço de tempo abordou à dita sumaca uma chalupa, dentro da qual vinham 18 homens bem armados; quatro destes subiram acima, e o que parecia de maior autoridade, falou ao Mestre, se partiu com ele para os navios, que a este tempo já estavam perto; e de tudo, o que viu o dito Genovês fez a relação seguinte:

Tanto que me meti dentro da chalupa (dizia o Genovês) endireitámos a um dos Navios, que todos eram 26; e subindo acima me pegou pela mão o homem venerando, capacete de ouro na cabeça, com barba grande, e bem apessoado, que parecia ter de idade 70 anos e me falou em idioma português, mas com tropeços de espanhol. Vestia este uma casaca de pano pardo, calção largo, fitas nos sapatos, e a mais gente, que era infinita, traziam seus bigodes, e de várias sortes de vestidos, porém tudo fora do nosso uso. Algumas mulheres havia as quais vestiam mantos, como em algum tempo se usou em Portugal, principalmente nas partes do Porto, com suas Capinhas de várias cores.

O tal homem depois das costumadas honras me levou à camara da dita Nau, e passando por vários homens, cheguei a presença de um, que estava sentado sobre um escabelo de veludo, armado com franjas de ouro, e estava embrulhado em um roupão com suas estrelas de prata forrado de carmesim, moneto na cabeça, e toda a

¹⁸ Cf. Padre Conceição Vieira, *O Spiritismo: Ilha Encuberta e Sebastianismo*, Lisboa, 1884, p. 155-158. A carta está datada de 20 de Abril de 1757.



SAUDADE

câmara bem guarnecida com muitas vidraças e seus frisos dourados, que representava seu adorno ser de um grande Príncipe.

E entanto que me vi em sua presença me fez aceno com a cabeça, mostrando que me queria de perto; eu me vi tão fora de mim, que fiquei titubiado, não sei como realmente possa encarecer; porque ora me punha de joelhos, ora em pé, e chegando a ele me perguntou quem era, e de onde vinha, e para onde ia; a cuja pergunta lhe respondi que era Genovês de Nação, e que servia a El-Rei de Portugal, que vinha do Maranhão, e ia para o Grão Pará tratar do meu negócio como tinha de costume, e com esta resposta, que lhe dei se levantou em pé, e deu uma grande pancada sobre um bofete de pedra, que junto dele estava, obrado às mil maravilhas, e deu um suspiro grande; por espaço de algum tempo esteve sem dizer nada, e continuando me perguntou se a frota da Baía seria chegada, e se haviam algumas novidades em Portugal, ao que lhe respondi, que se a frota não era chegada estaria perto; porquanto com ela tinha vindo uma Caravela onde vinha o Governador do Maranhão, e lhe contei algumas novidades das que se contavam; e de que se mostrou com contentamento: perguntou-me se as obras de Mafra, que as Majestades faziam, já eram acabadas, se as Minas do ouro, que se dizia davam milhões, davam ainda ouro; de que notícia lhe respondi, suposto que quando me fez esta pergunta, confesso que me meteu pavor, que cuidei que me perguntava isto para se apossar de algum destes portos da América: perguntou mais que distância ia ao Maranhão; pelo que tinha navegado lhe disse, que trinta léguas pouco mais, ou menos.

Com semblante alegre me despediu: pondo os olhos em terra, me prostrei aos seus pés, e o mesmo homem, que me havia levado me tornou a trazer; e passando por muitos homens, bem armados com armas de fogo, e catanas, e mais petrechos de Guerra, estavam como de Guarnição, ou guarda. Nenhum deles me disse nada; tanto que ao portaló chegámos me perguntou o que me acompanhava se algum dia estivera em Lisboa, e eu lhe respondi, que saíra de lá de 14 anos e que lá estivera, mas que não conhecia ninguém; e a ele lhe perguntei, que gente era, e para onde navegava com tamanha armada; respondeu-me que a sua navegação era de esperar tempo, e a sua nação procedia de portugueses, e que se não podia declarar mais, e que ao seu tempo descobrirá o mundo quem eram.

Continuava o Genovês que os Navios eram de um feito nunca usado nem nas mais remotas terras de África, e as velas dos navios eram quadradas, e não largas, com repuxos de três varas de comprimento, que faziam o pano amarelo; as enxarcias pareciam de esparto, o tabuado dos navios sem alcatrão, nem breu, e só parecia serem alcatroados com bitume, que em tudo se via espécie de cal, ou gala. O que reparei foi a modéstia da gente, que com ser aquela ocasião da sua ida aos navios causou novidade por serem pessoas não conhecidas, que fizesse novidade que



SAUDADE

chegassem à vela. Todos em seus postos estavam como pasmados. Tinha esta nau dois andares, e artilharia grossa, pela proa fora tinha duas peças colubrinas, e os navios eram da mesma forma grandes, e vinham mulheres, e meninos de toda a qualidade; e como o homem, que me havia acompanhado, fizesse sinal para embarcar me despedi saltando na chalupa, e com os mesmos homens tornei para bordo da minha Sumaca; e os camaradas me receberam com contentamento, mas tive lugar para lhe perguntar aos que me traziam, para onde iam com tamanha armada, e que buscavam naquela Costa, e altura; eles me responderam que iam sitiar uma cidade famosa nesta mesma Costa, que pelo discurso do tempo teria atropelado todo o Brasil; que o seu Rei era mais poderoso, que todas as regiões do mundo, e lhe haviam de pagar vassalagem, cujo império se havia ocultado por permissão Divina perto de 200 anos; que as fazendas perdidas se restituíriam a seus donos, e as pessoas, que isto vissem pasmariam como mudos, e se despediu de mim, e tornando às Naus se levaram na volta do mar, e eu na de terra tornei a buscar a Barra do Maranhão, e dali a oito dias com boa viagem cheguei a esta cidade onde contei tudo; e o governador me fez tomar o juramento, e aos mais camaradas da barca que de outra sorte me não davam crédito cujos juramentos os fiz escrever no livro da Secretaria de Estado como é público. Até aqui chegou à narração deste Genovês, que a todos tem sido constante este caso, e nos tem dado notável cuidado, ficando lugar aos Sebastianistas que é sem dúvida armada de El-Rei D. Sebastião. Pessoas houveram, que deram bastante dinheiro de alvíssaras, e o senhor Bispo com a conezia, e cleresia tem feito preces na cidade de corte que em todos os púlpitos se ouvem panegíricos deste Rei. Deus disponha ao que for servido. Isto é do que na verdade se praticou, e por ser coisa tão estranha dou na minha que Deus Guarde por muitos anos. Hoje 20 de Abril de 1757. Deste teu criado e cativo. António de Duarte Bulhões.



SAUDADE

Carta de um Guarda-Roupa de El-Rei D. Sebastião a um amigo seu nesta corte, em que depois de umas breves reflexões sobre o folheto intitulado

Os Sebastianistas, lhe dá uma notícia circunstanciada da Ilha Encoberta, e da existência daquele Soberano. Tudo em estilo jocoserio, único
próprio de semelhante assunto ¹⁹

[...]

Na Carta que te dirigi pelo Aeronauta, que daqui saiu o mês passado, verás os motivos que então me embaraçaram de responder a vários artigos da tua última, principalmente à pergunta, que me fazias a respeito desta misteriosa Ilha. Um deles, se bem me lembro, era a falta de tempo, achando-me justamente nessa ocasião de semana no Paço. Agora, porém, que estou mais desocupado, satisfarei a tua curiosidade o mais laconicamente que me for possível, visto que a extensão da Carta tem chegado já a um ponto, que eu não esperava.

Perguntas-me, que Ilha Encoberta é esta; onde a encontrámos; a sua forma; riqueza, e produções; a que respondo que:

Depois daquela sanguinolenta, e memorável batalha nos Campos de Alcácer Quibir, onde pereceu tudo o que então havia de melhor em Portugal, e onde o Senhor Rei D. Sebastião, Generais, Fidalgos, criados, e toda a comitiva foram física, e indubitavelmente mortos, sobreveio uma chuva tão continuada e copiosa, que penetrando até o centro da terra, de tal forma amoleceu a sua raiz, que perdendo toda a consistência pela sua mesma gravidade, se destacou um grande pedaço do Continente. Esta Ilha, ou massa enorme andou por algum tempo boiando à tona da água, sem o mais pequeno governo (segundo referem algumas Africanas, que estavam presenciando o combate), até que impelida por ventos fortes, viemos como a reboque parar neste hemisfério. Apenas chegámos, o ar regenerador nos foi gradualmente reanimando de sorte, que todos, e quase ao mesmo tempo resuscitámos. Eis aqui em duas palavras a história da Ilha Encoberta, a que esses incrédulos chamam fabulosa, e desenvolvido um mistério, que, segundo me dizes, tem dado ocasião a tantos argumentos ridículos sobre a impossibilidade da sua, e nossa existência.

¹⁹ Dada à luz, e vendida aos curiosos por F. de P. J. [Francisco de Paula Jaku?], Lisboa, Na Impressão Régia, 1810. Alguém aventou que as iniciais do nome do autor são estratagemma destinado a encobrir a autoria de Hipólito José da Costa.



SAUDADE

Esta Ilha, cuja forma é redonda, terá 4000 passos de diâmetro, e só difere das outras em estar por toda a parte cercada de água. O mar que a rodeia está sempre tão sossegado, e tranquilo, que apenas se percebe um leve movimento na sua superfície. Quando, porém, se embravece, as suas encapeladas ondas se desfazem com horrível estrondo em cachopos de pórfiro sustentados em colunas de ouro.

Em toda a circunferência da Ilha, e a pequena distância da praia há de dez em dez passos outras colunas, sustentando cada uma delas sua Estátua, e cada uma destas de diversa matéria: umas são de safiras, outras de rubis, outras de esmeraldas, etc., todas em acção melancólica, chorando finíssimas pérolas.

No interior da Ilha há um hexágono fortificado, segundo as melhores máximas, cujas muralhas são de alvíssimo jaspe, os parapeitos de diamante, os fossos de coralina, e a esplanada de topázios, com os seus competentes baluartes, cada um deles defendido por 25 leopardos. No centro do hexágono há uma torre redonda em forma de cidadela, com 35 passos de diâmetro, e 50 de altura, feita de um só brilhante, cujo interior serve de residência ordinária ao nosso Augusto Soberano o Senhor Rei D. Sebastião. A solidez deste edifício impenetrável à corrupção dos Elementos, embaraça totalmente a má influência do ar; e por este motivo Sua Majestade se conserva sem a menor alteração tanto no seu temperamento, como na mocidade, beleza, e feições, apesar dos séculos, e rigores do cativo. A sua guarda ordinária são 30 leões famintos.

A produção é abundantíssima, e o terreno tão fértil, que por si mesmo, e sem benefício algum produz todas as comodidades e necessidades não só para o consumo dos habitantes, mas de sobejo, em razão da frugalidade, que religiosamente se observa na mesa do Soberano, onde todos os guisados, massas, e assados são feitos de folhas de árvores, de cuja simplicidade depende a sua conservação. As águas são excelentes, principalmente a dos rios, entre os quais há um de água quente em grau tão subido, que nele se pesca o peixe já cozido, e em certos dias até sardinhas fritas. Há nesta Ilha serras e montes tão elevados, que do seu cume se observam as nuvens, quando as há no horizonte. Em todas estas montanhas há minas riquíssimas em toda a espécie, com a singularidade que a prata sai já lavrada, e o ouro polido. As de ferro principalmente são tão fecundas, e providentes em artigos domésticos, que até nelas se acham candeias feitas.

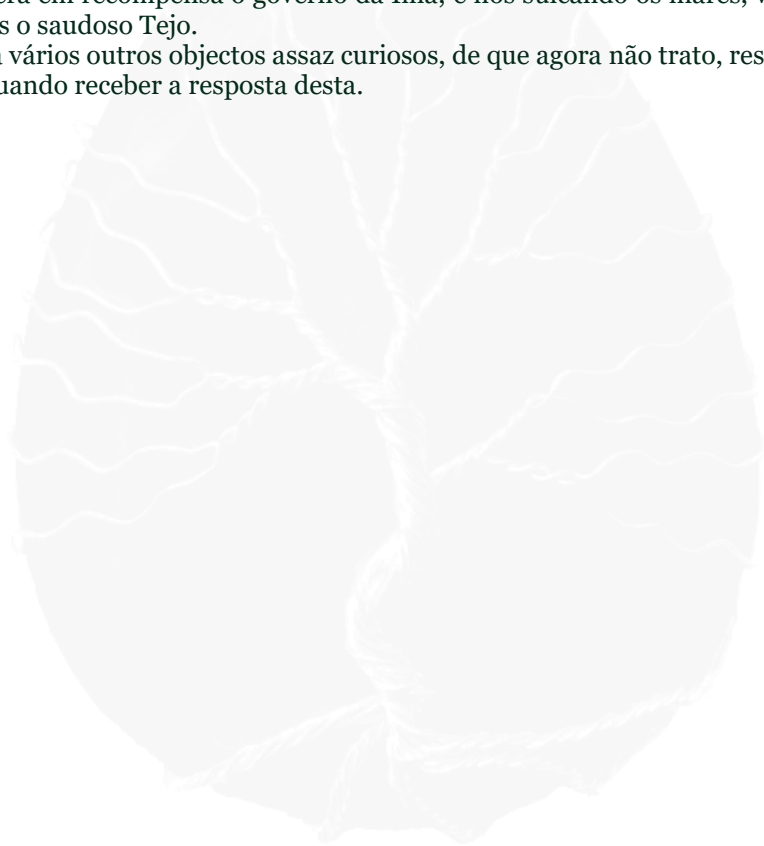
Na casa de campo do Senhor Rei D. Sebastião há uma oficina subterrânea, onde trabalham continuamente 30 homens artificiais, uns de bronze, outros de mármore, etc. Estes artífices são construídos de tal maneira, que dando-se-lhe corda, por meio de molas trabalham com perfeição em toda a qualidade de obra. Fazem excelentes tapetes à Mourisca, consertam relógios, tiram retratos, em uma palavra, tudo o que a arte, e a indústria dos homens animados tem imaginado de mais raro,



SAUDADE

se executa com perfeição neste subterrâneo. O Autor de todo este mecanismo acaba de aumentar a colecção com uma soberba estátua. É uma formosa mulher feita de toda a qualidade de metais em liga proporcionada. É destinada a servir de intérprete aos embaixadores, e a responder com eloquência sobre qualquer assunto, ou matéria. Fala já as línguas Orientais; porém está ainda muito atrasada em Grego, e Filosofia. El Rei acha-se tão apaixonado dela, que o Autor está actualmente imaginando uma nova mola para lhe dar sensibilidade. Logo que esta circunstância se verifique, ficam removidos os obstáculos, que retardam a Época do nosso Triunfo: o Autor terá em recompensa o governo da Ilha; e nós sulcando os mares, vitoriosos subiremos o saudoso Tejo.

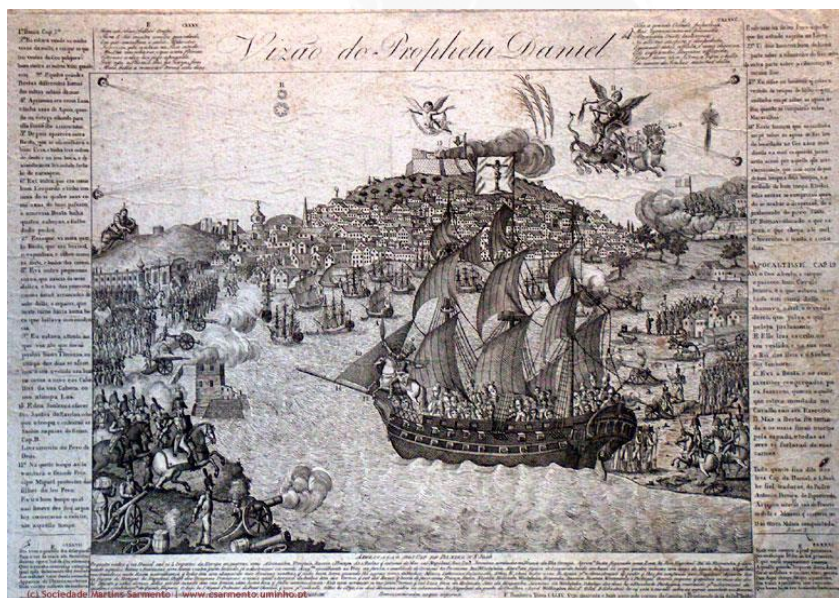
Há vários outros objectos assaz curiosos, de que agora não trato, reservando para quando receber a resposta desta.





SAUDADE

Visão do Profeta Daniel [chegada do Encoberto ao Tejo, proveniente da Ilha Encoberta]



Gravura alegórica impressa durante o mês de Agosto de 1810, aberta a buril e água-forte por artista anónimo. Numa das colinas ocidentais de Lisboa, vê-se o profeta reclinado, alusão ao seu sonho (*Daniel*, VII, 2-10 e XII, 1, 5-7 e 12). Completa a figuração um trecho do *Apocalipse* (XIX, 11, 16, 19-21), quatro oitavas de *Malaca Conquistada* (liv. X, 135-137 e 141) de Francisco de Sá e Meneses, diversas outras da *Anacephaleoses da Monarquia Lusitana* de Manuel Bocarro (n. 73-74, 83, 85-86, 105, 108, 113 e 116). No céu destacam-se figuras simbólicas: quatro cabeças soprando assinalando as direcções cardiais, duas estrelas e um cometa em conjugação com elas. Alude a um “levantamento de 14 de Dezembro de 1807”.

Legenda:



SAUDADE

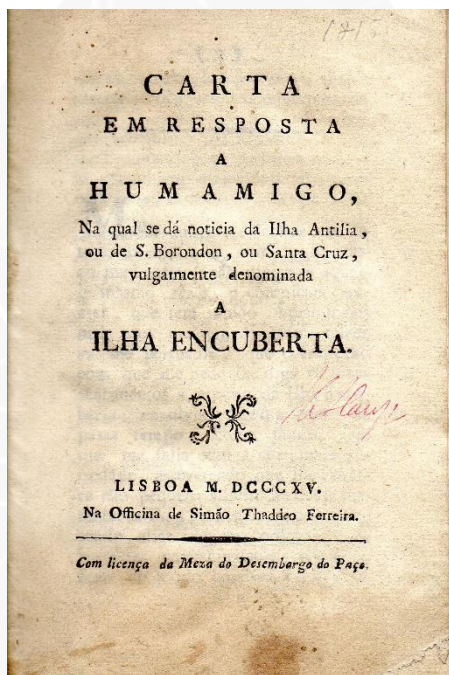
"Aplicação dos Cap. de Daniel e S. João. Os quatro ventos, q[ue] viu Daniel são os 4 Impérios da Europa em guerras, como Alemanha, Turquia, Rússia e França. As 4 Bestas q[ue] subiram do Mar são Napoleão, José, Luiz, Jeronimo, arribados na França da Ilha Córsega. A prim[eir]ª Besta figurada como Leoa, é José Napoleão Rei de Espanha, q[ue] devorando aqueles Reinos e Províncias, corre uma e outra parte levando só destruição e a morte. A seg[und]ª semelhante ao Urso na fereza, e crueldade de coração é Jerónimo rei de Vestefália. A terc[eir]ª em figura de Leopardo, tendo em um só corpo quatro cabeças com asas de Águia é Luís Napoleão, mostrandose nesta Besta a semelhança q[ue] todos tem com o Leopardo nas diversas matas, q[ue] cada um toma quando lhe apraz como Católico, Mouro, Luterano, Calvinista, Ateu, etc. e têm todos asas de Águia p[ar]ª a demonstração do poder que lhe foi conferido por Napoleão. A quarta Besta figura de Dragão é Napoleão, Chefe dos Dragões Franceses a mais cruel e terrível de todas: tem dez cornos, q[ue] são dez Reises [sic] que havia de fazer como França, Itália, Nápoles, Holanda, Vestefália, Espanha, Baviera, Saxónia, Wertembelg e Portugal. O corno pequeno q[ue] aparece no meio dos dez é Murate, q[ue] saiu do meio deles por ser casado com sua Irmã, e tem uma boca que fala com insolência. Este verá arrancar os três prim[eir]ªs cornos, q[ue] são Luís fora da Holanda, José da Espanha, Jerónimo da Vestefália. O Antigo dos dias é o Encoberto Português reservado p[ar]ª a destruição daqueles, o estabelicim[en]to do Quinto Império. O Anjo é S. Miguel Protector do Povo Cristão, que vem p[ar]ª salvá-lo. O Rio é o Tejo, e os dois Homens sobre as ribanceiras é Napoleão da parte de Cacilhas, e Lord Wellington de Lx.^a. O Rei D. Sebastião é o q[ue] está a cavalo sobre as águas encoberto aos Homens. Bemaventurados os que esperam." ²⁰

²⁰ Segundo José Acúrcio das Neves escreve na sua *História Geral da invasão dos franceses* (v. 2, Lisboa, 1810, p. 142-154), vendia-se "a planta desta ilha [Encoberta] junto ao pátio da moeda, na Rua Direita de S. Paulo em Lisboa, e representa perfeitamente os copados arvoredos, que a revestem, as praias, o palácio do rei, os leões que o guardam, e o mesmo Rei passeando por entre eles, vestido de corte: até se acham nela pintados os dois religiosos que o viram e lhe falaram e voltando ao continente assim o juraram em Roma".



SAUDADE

Carta em resposta a um amigo, na qual se dá notícia da Ilha Antília, ou de S. Borondon, ou Santa Cruz, vulgarmente denominada a Ilha Encoberta ²¹



Meu amigo e senhor, se no todo da sua carta, com que há pouco me honrou, não divisasse aquele mesmo sério e conspícuo carácter que tem sabido imprimir nos [sic] mais que me tem dirigido, talvez eu me persuadissemos que o empenho com que me

²¹ Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1815. O manuscrito desta obra acha-se no ANTT [Real Mesa Censória, cx. 81, doc. 1], com a nota “Imprima-se e torne”, datada de 1814 e acompanhada da recomendação de outorga de licença para circular (10 de Março de 1815), solicitada por Ladislau Caetano, o eventual autor dela (?).



SAUDADE

pede lhe diga os meus sentimentos a respeito da Ilha Encoberta envolvia alguma coisa de passatempo. Como, porém, vejo que me fala com a costumada seriedade, asseverando que lhe causara não pequena admiração ouvir sustentar a f[ulano] a existência da dita ilha, sendo aliás homem cordato e de bastantes conhecimentos, vou satisfazer do modo possível à sua curiosidade, e o teria já feito se as minhas ocupações me não tivessem impedido.

Depois que em Portugal apareceram as trovas do decantado Bandarra é que mais geralmente se falou na Ilha Encoberta, passando depois a filhos, entre a gente vulgar, a indiscreta asserção da existência desta ilha; porque assim o sonhara o dito Bandarra nas trovas primeira e quinta do seu sonho segundo, que diziam assim:

1^a

Augurai gentes vindouras,
Que o Rei que daqui há-de ir
Vos há -de tornar a vir
Passadas trinta tesouras.

5^a

Este sonho que sonhei
É verdade muito certa,
E da Ilha Encoberta
Vos há-de vir este Rei.

Não entrando, porém, na questão de ser ou não Bandarra verdadeiro profeta, por não ser necessário para as noções que V. M. de mim exige, direi que já antes de Bandarra houveram escritores que falaram nesta ilha; e depois del[e] tem havido muitos, os quais afirmam ter ela existido com o nome de Antília, e que fora povoada de portugueses quando os Mouros invadiram as Espanhas, no tempo de D. Rodrigo, último rei dos Godos. Referirei o que diz o douto António de Sousa de Macedo na sua obra intitulada *Flores de Espanha, Excelência[s] de Portugal*, no cap. V, Excelência 2.^a, n.º 4, p. 31, que traduziu da língua espanhola, em que está escrito. Diz assim: “Eu assento que não só têm os Portugueses estes senhorios de que sabemos, senão outros, em partes desconhecidas, como é uma ilha mui grande, que tem sete cidades, com um arcebispado e seis bispos, povoada de portugueses que se foram quando os Mouros entraram na Espanha, e vivem muito cristãmente. Aportou uma vez a ela certa nau portuguesa ou, segundo outros, genovesa, que deu relação disto. Um mapa-mundi, que refere Frei Bernardo de Brito, chama a esta ilha Antília. Pedro de Medina em suas *Grandezas de Espanha* trata dela. Ptolomeu em sua tábua a demarca. João Botero, António Galvão, Julião de Castilho e outros muitos falam dela e dizem que



SAUDADE

está no mar Oceano Ocidental, mas se a buscam não a acham, por ocultos juízos de Deus”.

E como sei que nessa aldeia não pode V. M. consultar os referidos autores, e outros muitos que falam na matéria, lhe transcreverei aqui mais alguns para sua maior instrução.

Seja, pois, o segundo Frei Manuel dos Anjos, na sua *História Universal*, impressa em 1702, tendo sido a primeira vez no feliz reinado do senhor D. João IV, e tratando de Portugal, diz no cap. III, p. 19, o seguinte:

“Não mui distante desta Ilha da Madeira está outra, que se chama Antília, e agora se não vê. Dela refere Pedro de Medina que a achou estampada em uma carta de marear mui antiga; e como dela se não tinha notícia alguma, propôs de a buscar por muitas vias, e que em um Ptolomeu, que foi dirigido ao papa Urbano, achou sinalada esta mesma Ilha Encoberta, e junto a ela escrito o seguinte: *Esta Ilha Antília em outro tempo foi descoberta pelos Lusitanos, mas agora quando é buscada se não acha*. Há nela gente que fala a língua de Espanha; e se crê que do último rei dos Godos D. Rodrigo, quando os Bárbaros entraram nela, vieram fugindo para esta ilha. Tem um arcebispo e seis bispos, pelo qual alguns lhe chamam a Ilha de Sete Cidades. A gente dela é cristã, e tem abundância dos bens e riquezas deste mundo. E diz Medina que representava no Ptolomeu ter oitenta e sete léguas de comprido e vinte e oito de la[r]go, com seus portos e rios, e que estava situada quase no paralelo do Estreito de Gibraltar, em 36 graus e meio de altura. A mim me afirmaram alguns mareantes que, navegando de longe, a vêem, e chegando perto a não acham. Isto é o que li acerca da Ilha Encoberta, e o remeto à cortesia dos que o quiserem crer, e à disposição divina, que aí pode descobrir ao monarca de Portugal uma nova Lusitânia”.

Seja o terceiro D. Julião de Castilho, na *História dos Reis Godos*, impressa em Madrid em 1624, Liv. 2.º, Discurso 2.º, p. 75, o qual, depois de ter dito o que diz Medina e que transcreveu o referido Frei Manuel dos Anjos, acrescenta (traduzido na nossa língua) o seguinte:

“Que é coisa admirável estar encantada, ou não aparecer, por secreto juízo ou vontade de Deus, nem entrar nela alguém, nem sair delas [sic] a ver e contratar no mundo. E, se é lícito dizê-lo, parece que o nosso Católico Rei deveria pedir ao Sumo Pontífice desse alguma ordem para pedir a Deus instantemente fosse servido manifestá-la e trazê-la à sua Santa Igreja Católica Romana e obediência dela”.



SAUDADE

Seja o quarto António Galvão, no livro que compôs dos Descobrimentos ²², na era de 1550, p. 19 verso, que diz assim:

“No ano de 1447 tornou Nuno Tristão em uma caravela e passou o Cabo Verde e o Rio Grande, e saiu em outro que está além dele em vinte graus, onde o mataram com dezoito portugueses, e com quatro ou cinco se tornou em salvamento. Contam mais que, neste meio tempo, vindo uma nau de portugueses pelo Estreito de Gibraltar fora, lhe dera tal tormenta que correrá a loeste [sic] muito mais do que quisera, e fora ter a uma ilha em que havia sete cidades e falavam a nossa língua, e perguntaram se tinham os Mouros ainda ocupado Espanha, donde fugiram pela perda de el-rei D. Rodrigo. O contra-mestre do navio diz que trouxe uma pouca de areia e que a vendera a um ourives em Lisboa, de que tirara boa quantidade de ouro. Sabendo isto o infante D. Pedro, que ainda governava, diz que o mandara escrever na Torre do Tombo”.

Seja o quinto o insigne Manuel de Faria, no seu *Epitome*, Parte 2.^a, cap. VII, p. 257, aonde, referindo a História da Invasão dos Mouros na Espanha, diz que, combatendo estes a cidade de Mérida, então cabeça da Lusitânia, de que era governador Sacaru, e resistindo aos porfiados combates dos Mouros, faltando-lhe afinal as munições, oferecera partidos ao Mouro, que lhos aceitara; em consequência do que o capitão lusitano, com toda a gente que o quis seguir, voando pelo meio de Portugal, parara em um porto marítimo e, juntando ali uma frota considerável, entrara pelo oceano com desejo de achar as Ilhas Fortunadas (agora Canárias), para que nelas se conservassem aqueles fragmentos da gente espanhola; mas que aonde saíssem era duvidoso para afirmar-se, concluindo da maneira seguinte, traduzido em português:

“[...]. Bem que no mar Oceano Ocidental há notícia de uma ilha povoada de portugueses, que tem sete cidades, alguns imaginam ser aquela que da outra da Madeira se deixa ver, e quando querem chegar a ele [sic] não parece [sic]”.

E na Parte 3.^a, cap. XIII, referindo os descobrimentos feitos naqueles tempos pelos Portugueses, a p. 494 diz:

“Navegaram pelo Estreito de Gibraltar alguns portugueses, e com contrária fortuna, correndo a loeste [sic] descobriram uma ilha em que havia sete cidades,

²² *Tratado dos Descobrimentos*.



SAUDADE

povoada de gente portuguesa, que vendo-os lhes perguntaram o que passava em Espanha, de aonde seus pais tinham fugido pela perda de el-rei D. Rodrigo”.

Seja o sexto Santo Anselmo, bispo de Cantuária, no Tomo III e último das suas obras impressas em 1560, no cap. XX, *De Imagine Mundi*, p. 204 *in fine*, o qual, tendo falado de muitas e diversas ilhas, diz haver também uma no mar oceano chamada Perdida, que excede a todas as outras na amenidade e fertilidade de todas as coisas, que é incógnita aos homens; e se algumas vezes acaso aparece, quando se busca se não acha, e que por isso se diz perdida. As suas próprias palavras são as seguintes:

“Est & quaedam Oceani insula dicta perdita, amenitate, & fertilitate omnium rerum praeceteris longe prestantissima, hominibus incognia, quae aliquando casu inventa, quae sita postea non est reperta, & ideo dicitur perdida. Ad hanc fertur Brandanus venisse”.

Seja o sétimo o *Dicionário* de Bluteau, o qual, na palavra sete, p. 625, diz:

“Sete Cidades. É o nome de uma ilha a que deram este nome por causa das sete cidades que (segundo alguns autores) se acham nela. Dizem que é ilha do mar Oceano Ocidental, e que antigamente aportou a ela uma nau portuguesa ou, como outros querem, uma carraca genovesa, que deu conta de tudo. O Padre Frei Bernardo de Brito no 2.º volume da *Monarquia Lusitana*, p. 282, coluna I, afirma ter visto esta ilha marcada em uma carta de marear antiga, impressa na cidade de Anvers no ano de 1523, e em umas tábuas de Ptolomeu dedicadas ao papa Urbano, sinalada com as palavras que se seguem, fielmente traduzidas do latim em português” [É o mesmo que refere Frei Manuel dos Anjos, que fica transcrito, e por isso omito a repetição].

Seja o oitavo Frei Henrique de Santo António, na *Crónica dos Eremitas da Serra d'Ossa*, impressa em 1745, Século VIII, cap. IV, p. 715, onde refere o cerco da cidade de Mérida pelos Bárbaros que invadiram as Espanhas, cujo governador era Sacaru, sendo a maior parte do seu presídio da nação portuguesa, que pusera em grande desesperação ao capitão dos Bárbaros, chamado Mussa, porque em todos os assaltos que deram à cidade fora rechaçado com grande perda, até que, vendo-se o governador falto de mantimentos e sem esperança de socorro, oferecera partidos a Mussa, que lhos aceitara; e, prosseguindo o mesmo que fica referido do *Epítome* de Manuel de Faria, diz mais o seguinte:



SAUDADE

“Nesta católica comitiva iam vários bispos e muitos sacerdotes, adornados todos com o estandarte da Cruz, que, sendo antes o maravilhoso instrumento da salvação do mundo, agora novamente esperavam que o fosse também da sua. Qual fosse a parte onde esta frota aportou, não o resolvem, por falta de notícias, os historiadores. Afirmam alguns dos nossos, e dos estranhos, que há no Mar Ocidental uma formosa ilha, povoada de portugueses em sete cidades, na principal das quais há um arcebispo e nas outras, seis bispos. Assim o referiu a gente de um navio nosso, como querem uns, ou genovês, como atestam outros, à qual, lançado de uma tempestade, casualmente aportou. Achou-se esta ilha demarcada em uma tábua ou pergaminho antigo, que servia aos mareantes de guia nas suas viagens. Na antiqüíssima *Geografia* de Ptolomeu, já citada por autores dignos de crédito, se acha demarcada esta ilha com a seguinte inscrição [é a mesma que fica transcrita, e conclui:]. Desta atestação de Ptolomeu, e dos escritos dos historiadores, se pode com probabilidade julgar serem os moradores desta ilha os que com o governador de Mérida, Sacaru, se transportaram de Portugal para ela, fugindo ao vitorioso furor dos Bárbaros. Impossível se faz hoje de crer que permaneçam nela prelados e cristãos, visto lhe [sic] faltar a comunicação e obediência ao Sumo Pastor da Igreja Católica”.

Seja o nono Frei Bernardo de Brito (que Bluteau cita), na segunda parte da *Monarquia Lusitana*, liv. 7, p. 395 (e não 282, como aquele diz), referindo o mesmo caso de Mérida, que fica exposto, e como Sacaru se embarcou com muita gente em um dos portos de Portugal, que se persuade seria em Lisboa ou Setúbal, e prossegue dizendo:

“O que destas gentes fosse não consta decerto, mas todavia temos notícia por muitos autores haver no mar Oceano Ocidental uma ilha povoada de portugueses, na qual há sete cidades, com seis bispos e um arcebispo, na qual aportou uma nau portuguesa ou, como outros querem, uma carraca genovesa, que deu miúda conta de tudo. Além disto eu vi já esta ilha marcada em uma carta de marear antiga [à margem diz onde foi impressa)], e em um Ptolomeu que se dirigiu ao papa Urbano anda a mesma ilha sinalada com estas palavras tiradas fielmente do latim em português [são as mesmas que transcrevi de Frei Manuel dos Anjos]. Estas próprias palavras, em latim e linguagem, traz Pedro de Medina em suas *Grandezas de Espanha*, das quais se pode coligir serem os moradores desta famosa e quase milagrosa. ilha descendentes destes que em companhia de Sacaru passaram a povoar fora de Espanha. E como é de crer que o arcebispo de Mérida, metropolitano da Lusitânia, e alguns sufragâneos seus acompanhassem aos que partiam, não é mui fora de razão imaginar que se conservassem nesta ditosa povoação com o mesmo governo e dignidade que tinham vivido em Espanha. E já ouvi praticar entre pessoas de bom



SAUDADE

juízo que parecia mistério, sendo Mérida restituída ao nome de cidade, carecer até agora de honra e dignidade episcopal. Mas, como isto são conjecturas e conceitos de bons entendimentos, não há para que fazer muito fundamento deles na história, onde só valem autores graves ou testemunhas de vista. Falam nesta ilha João Botero ²³ no seu livro da *Razão de Estado*, António Galvão no *Tratado das Molucas* ²⁴ e muitos outros, que deixo por brevidade”.

Seja finalmente o décimo o Padre António Cordeiro, na sua *História Insulana*, impressa em 1717, o qual no liv. 9.º, cap. III, número 47, diz assim:

“Desta quarta ilha diz o mesmo Frutuoso que (segundo viu na particular carta de marear que a traz) se chama Ilha de Santa Cruz, e que desta se diz ser a mais antiga e ainda a nós encoberta Ilha da Madeira, e que a que depois descobrimos e chamamos Madeira tinha por seu nome próprio a Ilha das Pedras. Da dita pois Ilha da [sic] Santa Cruz (ou Madeira ainda Encoberta) achou Frutuoso que está em altura de 32 graus; e que saindo da Madeira em direitura ao oeste setenta léguas, está a Ilha de Santa Cruz, etc.”.

E no número 48 diz:

“Afirma pois o dito Frutuoso desta Ilha de Santa Cruz que tem de comprimento quarenta e duas léguas, coisa que em nenhuma outra das que temos falado achámos até agora. Afirma mais que da banda do Sul tem esta ilha uma grande baía, e diante dela dois ilhéus, em distância entre um e outro de três léguas; e que da banda do Norte tem outra enseada pequena, outra da banda de Leste, e da banda de Oeste outra. E o que mais é, dizer que esta tão grande ilha é povoada, e de tudo isto dá por testemunhas os singulares mapas, testemunhas e notícias que acima apontamos. Mas é coisa notável que não diz de que gentes esta ilha seja povoada, se de gentios, ou mouros ou hebreus, se de hereges ou católicos. Salvo alguém quiser ainda sonhar que em tão grande ilha está o antigo e lusitano rei D. Sebastião, e que ainda há-de vir dela, não obstante ter de idade já coisa de 170 anos, mas deixemos estes sonhos”.

Estas últimas expressões, creio eu, são relativas à existência de el-rei Sebastião, porque só isto pode reputar-se sonho, e não a existência da dita ilha; nem tal podia ser o pensamento de Cordeiro, quando ele concebeu a epígrafe do referido

²³ Giovanni Botero (séc. XVI-XVII). Autor italiano. Publicou *Della Ragioni di Stato* em 1589.

²⁴ Obra espúria de António Galvão.



SAUDADE

capítulo desta maneira: *De outras ilhas que há neste nosso oceano por descobrir ainda*, assim como tinha concebido a do capítulo antecedente: *Das ilhas que se espera descobrir de novo*, no qual Capítulo número 40 ele manifesta o grande conceito e opinião em que tinha ao dito Doutor Gaspar Frutuoso, pois diz:

“Nunca eu me atrevera a falar de ilhas encobertas, ou a profetizar delas, se as não achasse apontadas e delineadas pelo eruditíssimo Doutor Gaspar Frutuoso, de quem não pequena parte desta história tirei. E por não ser diminuto ou infiel a doutor de tanta fé e tão antigo, recopilarei aqui e apontarei o que ele traz disperso e desunido em muitas e diversas partes, como muitas vezes faz em seu antigo estilo. E porque primeiro traz (liv. 6.º, cap. XXXVIII) o que um grande juízo ajuizou de ilhas ainda encobertas; e, depois de meter outras matérias, traz o que outros antigos disseram das Encobertas Ilhas, tudo, e por sua ordem, ajuntaremos aqui.

“Número 41. Entre os principais povoadores da Ilha do Faial, veio a ela também um fidalgo alemão, que casou com uma filha do primeiro donatário do Faial, Joz de Utra ²⁵, e o alemão se chamava Martim de Boémia, e este era tão grande matemático, e especialmente tão grande astrólogo, que andando na corte lusitana fazia el-rei grande estimação à conta dele, não só por sua nobreza mas por sua sabedoria e notícias que dava por observação de estrelas; o qual era tão notável que, estando ainda na corte, e por notícia dele mandando el-rei de Portugal navios que descobrissem as Antilhas, no mesmo Portugal disse o dito Boémia ao rei o dia e hora em que os navios voltavam, arribando sem descobrirem as Antilhas”.

E referindo que era tal a sabedoria e acerto deste matemático em tudo o que dizia, que o povo rude o tinha por negromântico, e o que dissera e asseverara depois de chegar à Ilha do Faial e se verificara, diz no número 43:

“Disse, em terceiro lugar, que ao sudoeste do Faial e Pico estavam por descobrir três ilhas em triângulo, e que uma delas era muito grande e propriamente chamada da Madeira, e outra mais pequena e muito boa também, e outra ainda mais pequena e que tinha ouro e era areosa; e que tempo viria em que, depois de tais ilhas descobertas, os barcos das outras iriam a elas. E dizendo-lhe então o capitão Utra que fossem descobri-las, o Boémia lhe respondeu que se não metesse nisso, que se não descobririam em sua vida nem na de seus filhos. E acrescenta Frutuoso que só isto está por ver de quanto disse este astrólogo, que foram muitas coisas, as quais todas se viram como as disse”.

²⁵ Nome aportuguesado do flamengo Josse van Huertere, donatário do Faial e do Pico, no século XV.



SAUDADE

A omissão que Cordeiro nota em Frutuoso, por não declarar de que nação eram os habitantes da referida ilha, não lhe diminui a autoridade sobre a sua existência, marcada com tão positivos sinais, quando muitos autores dizem que é povoada de cristãos. Nem as diversas denominações de Antília, Ilha de Santa Cruz, Ilha de S. Borondon fazem que não seja a mesma ilha; assim como talvez o seja a de que fala João de Barros nas suas *Décadas*, liv. 2.º, Década 1.ª, cap. II, p. 33 verso, que diz ter sido descoberta no ano de 1438 e que também agora não aparece, e refere que um navio português, vindo da Ilha de S. Tomé no ano de 1525, e seguindo viagem, sendo dois graus da parte do Sul, acharam uma ilha despovoada de gente, chamada S. Mateus, em que havia duas aguadas, uma muito boa e outra não tal, e em duas árvores escrito que havia 87 anos que nela estiveram portugueses, e tinha maneira de ser já aproveitada, por haver nela muita fruta, e especialmente laranjas doces, palmeiras e galinhas como as das partes de Espanha, de que tomaram muitas que andavam por cima do arvoredo.

Nestes e outros muitos monumentos que deixo de referir (porque o que fica dito é bastante para satisfazer ao seu desejo) se fundaria F. para sustentar a existência da referida ilha, e talvez em algumas atestações que se atribuem a pessoas que dizem ter nela entrado, especialmente uma que dizem existir no Convento de Santo António dos Capuchos do Campo de Santana desta cidade, de dois religiosos que, vindo do Maranhão no navio Nossa Senhora da Penha de França, de que era mestre António de Sousa, natural de Viana, e sofrendo uma grande tormenta, no fim dela avistaram uma ilha desconhecida, e que, saltando nela os ditos religiosos, a acharam habitada, mas de pouca gente, cuja linguagem se assemelhava à portuguesa, e referem outras mais causas, o que acontecera em 1638.

Também veio a meu poder outra atestação, que se intitula de D. Francisco de Menezes e me afirmaram ter sido dada por José de Seabra e Silva a um sujeito, dizendo-lhe a tinha extraído da Torre do Tombo, aonde se achava o original, que ele afirmava ser escrito pelo dito fidalgo; mas que quando tal escrevera já estava pateta. A dita atestação se diz registada na Torre do Tombo, liv. 5.º, a fl. 130 no ano de 1669, e diz assim:

“D. Francisco de Menezes, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, fidalgo da casa de Sua Majestade, certifico e atesto pelo hábito que professo que, vindo eu da Ilha Terceira para esta corte na nau Esperança, de que era piloto João Furtado, e perdidos por causa de uma tormenta no dia 19 de Janeiro sobre a tarde, e já sem esperanças de vida, passada a noite toda para o dia 20 do glorioso mártir S. Sebastião, chamando todos por ele naquele conflito em que nos vimos, nos veio um



SAUDADE

admirável dia e nos achámos na altura de uma ilha nunca vista pelo piloto nem pela gente marítima, na qual se divisava um grande cais, e nele passeando gente armada de cavalo [...], e querendo chegar mais perto, vimos abrir um rio, em que estavam navios e galeras, e logo se ouviu um trovão, e tudo desapareceu e não vimos mais tal ilha. Hoje, 10 de Maio de 1660.”

Não afaço a verdade de tais atestações, porque não vi os seus originais, nem podem acreditar-se sem reconhecer milagre no que referem. O que posso afirmar é que há quatro anos que uma pessoa fidedigna me certificou que, haveria dez anos, achando-se em Gibraltar em um dia de S. João, antes de nascer o Sol, se vira dali perfeitamente esta ilha, e que para vê-la concorreram às muralhas milhares de pessoas, e que meia hora depois de nascer o Sol desaparecera, e que ouvira a pessoas naturais daquela praça, haviam [sic] muitos anos se não tinha visto; mas que pessoas velhas afirmavam ter antigamente aparecido por vezes.

Uma coisa tão célebre, e tão fora da ordem natural das coisas, não podia deixar de ter contraditores nem escapar à crítica do celebrado Feijó, o qual, no Tom. 4.º do seu *Teatro Crítico*, Discurso 10, § 10, fala nesta mesma ilha com a denominação de Ilha de São Borondon; e que dizem se divisa da do Ferro algumas vezes em dias claros mas, por mais diligências que se tenham feito para achá-la, se não tem conseguido.

Diz mais o mesmo Feijó que o Doutor D. João Nunes da Penha, na sua *História da Conquista e Antiguidade das Canárias*, refere ter visto uns papéis antigos em poder do capitão Bartolomeu Romão, natural de Garachico, e que neles se continha uma informação feita no ano de 1570 na Ilha do Ferro por ordem da Audiência, por Afonso de Espinosa, governador daquela ilha, em cuja informação depõem muitos ter visto a dita ilha da do Ferro, e que o Sol se escondia ao pôr-se por uma de suas pontas. Diz também que Tomás Camélia, em seu *Dicionário Geográfico*, se inclina a acreditar a existência de tal ilha, mas que ambos esses autores procedem sobre a fé de Linschot [sic], autor de uma descrição das Canárias.

Refuta porém Feijó esta opinião, e diz que a representação da ilha pode acontecer, ou por efeito de vapores exalados de minerais, que existam naquele sítio debaixo das águas, ou por meio de uma nuvem especular, que representa como em um espelho os objectos, como acontecera no caso que refere de Marselha.

Não convence, porém, este famigerado crítico a existência da referida ilha, antes pelos mesmos autores que produz fica convencida a sua opinião; porque confessando ele que a informação tirada na Ilha do Ferro é o documento mais jurídico que tem encontrado sobre este assunto, e dizendo-se nela que o Sol se esconde ao pôr-se por uma ponta da dita ilha, é evidente que isto não podia figurar-se, nem pelos vapores de minerais, nem pela nuvem especular, mas sim que o corpo



SAUDADE

sólido da ponta da dita ilha impede os raios do Sol para a parte oposta e faz que o mesmo Sol se esconda e não deixe ver; além do que, se as provas que aparecem da existência da referida ilha consistissem tão-somente em ter sido vista, ainda poderia te[r] razão Feijó. Mas os autores que ficam transcritos, e outros mais que pudera transcrever, referem também navios que nela têm aportado, cujas gentes da mesma deram relação; o que destrói inteiramente a químera de vapores e nuvem especular. O mesmo Linschot ²⁶, sobre cuja fé afirma Feijó que procedem os dois autores que cita, diz que o acaso tem feito ali aportar alguns navios, e que entre as maravilhas que publicam da sua bondade e fertilidade dizem que ela é habitada por cristãos, como refere Mr. Bruzen la Martinière ²⁷, no *Dicionário Geográfico e Crítico*, letra S, na palavra *San Borondon*, cujo nome dá à dita ilha.

Se o governo da Ilha do Ferro não estivesse assaz persuadido da existência da mencionada ilha, não faria as dispendiosas, posto que inúteis, diligências por descobri-la que o mesmo Feijó refere, do que tudo se conclui que o que o mesmo diz antes confirma do que convence a existência da dita Ilha Encoberta.

Em vista pois de tudo isto, poderá V. M. formar o seu juízo sobre o assunto que me propôs e seguir o que lhe parecer. E quando insista em querer o meu voto, lhe direi que, não podendo resistir ao peso da autoridade de tantos e tão graves autores, que afirmam a sua existência para negá-la, me inclino à opinião daqueles que dizem, como refere o citado *Dicionário* de Mr. Bruzen, que aqui há alguma cousa de milagre, por se deixar ver dos que a não buscam e se ocultar a quem a procura.

Para que fim, porém, se me dirá, havia Deus conservar deste modo tal ilha? Ao que respondo que aos fracos mortais não é permitido sondar o imenso mar dos ocultos juízos de Deus; e seria sacrílega temeridade empreender a indagação dos fins para que o mesmo Senhor havia conservar encoberta esta ilha, não podendo duvidar-se, sem ofensa da fé e da Sua incompreensível onnipotência, que assim como conserva as dez tribos de Israel sem sabermos aonde, pode conservar esta ilha oculta e inacessível ao comércio das nações, e ainda mesmo nela os descendentes daqueles antigos portugueses que saíram de Portugal na perda das Espanhas;" como pensam alguns dos autores referidos, para os fins que Ele Se não tem dignado revelar-nos.

Devemos, pois, com a mais profunda submissão adorar os inescrutáveis arcanos da Sua infinita sabedoria, rogando-lhe fervorosa e humildemente que, se é verdade existir a dita Ilha Encoberta, não podendo dirigir-se um tão grande prodígio senão para co usas também grandes, para bem da Sua Santa Igreja; e, ao que parece, para aumento e glória deste reino, se digne pela Sua infinita bondade aproximar essa

²⁶ Jan Huygen van Linschoten (1563-1611). Viajante holandês.

²⁷ Antoine Martin Bruzen de la Martinière (1683-1749). Erudito francês.



SAUDADE

venturosa época do seu descobrimento; pois que a Sua Igreja, à qual prometeu a Sua assistência até à consumação dos séculos, se vê tão cruelmente perseguida, chorando há tantos anos a falta do seu chefe e cabeça, vigário de Cristo na Terra, que com heróica constância geme agrilhado pelo maior dos tiranos que tem visto o mundo, e lamenta a dispersão do Sacro Colégio Cardinalício e o desamparo do seu rebanho. E Portugal, a quem se dignou escolher para reino Seu: “Volo in te, & in semine tua Imperium mihi stabelire”²⁸, jamais se viu em tão amargas circunstâncias, privado há quase seis anos da amável e suspirada presença dos seus legítimos soberanos, grassando a fome e a miséria por todas as províncias, principalmente as invadidas pelos bárbaros, cujas lamentáveis ruínas parecem irreparáveis.

Estas desejava eu fossem as quotidianas preces de todos os Portugueses, acrescentando que, se Portugal é aquele feliz reino de que fala Isaías, cap. XXIV, 14, 15 e 16, como o mais ocidental, do qual há-de sair a glória do mesmo Senhor, a quem hão-de louvar:

“Hi levabunt vocem suam, atque laudabunt: cum glorificatur fuerit Dominus, hinient demari: propter hoc indoctrinis glorificate Dominum in insulis maris nomen Domini Dei Israel: A finibus terrae: laudes audivimus, gloriam justí, & dixi, secretum meum mihi, secretum meum Mihi”²⁹.

Se este é o pequeno reino, cheio de perturbação, onde existem aquele[s] que o mesmo Senhor tem guardado para com eles preencher os ocultos fins da Sua Providência, como diz Esdras, liv. 4.º, cap. XII, *ibid.*:

“Hi sunt, quos servavit Altissimus in finem suum, hoc est Regnum exile turbationis plenum”³⁰.

Se digne fazer-nos merecedores de tanta glória, revelando-nos o segredo que o profeta reservou para si, dando-nos paciência para sofrermos com santa resignação os castigos com que quer purificar-nos, valor para vencermos os nossos e Seus inimigos, e um pleno conhecimento de que Ele é o Senhor dos Exércitos, único

²⁸ “Quero em ti estabelecer um Império para mim”. Promessa feita por Cristo a Afonso Henriques, consoante o *Juramento de Ourique*.

²⁹ “Estes levantarão a sua voz e cantarão louvores; soltarão gritos de alegria do lado do mar, quando o Senhor for glorificado. Por esta causa, com a s verdadeiras máximas da doutrina, glorificai ao Senhor; nas ilhas do mar o nome do Senhor Deus de Israel. Desde as extremidades da terra nós ouvimos os louvores, a glória do justo. E eu disse: o meu segredo para mim, o meu segredo para mim”.

³⁰ “Estes são os que o Altíssimo conservou no Seu território, este é o reino débil cheio de agitação”



SAUDADE

árbitro das nações, e a quem devemos dirigir as devidas graças pelas vitórias conseguidas.

Finalmente quisera Lhe rogássemos que fosse servido renovar nos corações dos soldados portugueses aquela mesma fé com que seus avós, no Campo de Ourique, em pequeno número, derrotaram o formidável exército mauritano, que os excedia cem vezes; e com que, levando o Seu adorável nome aos países mais remotos, fazendo observar a Sua santa lei nas quatro partes do mundo, obraram os prodígios de valor que assombraram o universo; persuadindo-se eficazmente de que, implorando com fé o divino auxílio, e fazendo-se dignos dele pela sua religião, católico zelo e fiel desempenho da disciplina militar, jamais serão vencidos, ainda quando contra Portugal se arme o mundo inteiro; porque quando se atribuem a Deus as vitórias e se crê na ajuda do Seu onipotente braço, trezentos soldados de Gedeão derrotam cento e vinte mil amalecitas ³¹.

Já tenho excedido muito os limites de uma carta, mas espero da sua benignidade desculpe o excesso e esta digressão do seu assunto, que é filha do meu zelo patriótico. E como considero a V. M. dominado do mesmo, estou certo me achará razão no que acabo de dizer, assim como em me interessar verdadeiramente em tudo o que for do seu agrado.

Vale.

³¹ *Juízes*, VII, 9 e VIII, 12.



SAUDADE

[Aventura aeronáutica do Capitão Belchior] ³²

Onde, de verdade, o balão foi parar foi à Ilha Incógnita; ali, como tu sabes, está El-Rei Dom Sebastião. Caiu, assim, no encanto em que anda a cumprir seu fado o Encoberto. Por isso agora já não pode sair de lá senão quando o encanto se quebrar. De modo que o capitão Belchior só pode voltar com El-Rei Dom Sebastião e há-de voltar quando El-Rei Dom Sebastião voltar. As profecias têm de cumprir-se mas de outra maneira, que isto do progresso possui força tanta que até entrou no mundo supranatural. Assim, Dom Sebastião já não virá da Ilha Incógnita num navio, como até aqui se cuidava, mas num balão, como agora se vê que é que há-de ser. Ora, o aeronauta piloto desse balão, em que há-de vir Dom Sebastião, será o capitão Belchior, que há-de vir com ele.

Alguém me disse, de escape, ao ouvido estas esotéricas palavras, por um fim de tarde fria, começo de noite áspera, estando eu parado na Praça Nova a contemplar a longa e larga fila de gente que, havia dias, se acumulava pacientemente defronte do Porto-Club, à espera de notícias consoladoras, na esperança de que subitamente surgisse a uma janela do restaurante, agitando o seu *bonet*, de regresso da sua aventura estranha, enfim vitorioso e triunfal, redivivo - o temerário farmacêutico vilanovense, destinado a um acabamento atroz. [...].

Na sua obstinação lunática, a turba acuculada e espessa resistia a todas as realidades, das quais a incomodante sensível era a de uma chuva miudinha, persistente e gélida, a tal chamada de molha-todos e a que chamam, comumente, de molha-tolos; e ali, com efeito, não desquadrava a deturpação: era bem chuva de molha-tolos.

Aquele sacrifício inútil, aquele protesto contra a possibilidade, aquela refractária incorrigibilidade na teimosia, pretendendo impor às leis naturais a obediência às nossas afeições e pessoais caprichos: - era um espectáculo assaz para considerar e do qual muitos e diversificados corolários haveria a deduzir.

³² O Capitão Belchior, farmacêutico estabelecido na Praça Nova (Gaia), e estrênuo adepto da causa sebástica, tornou-se aeronauta, em nome dela, Partiu num balão em busca da ilha Encoberta, na qual, supostamente, o Encoberto se achava exilado, aguardando a consumação dos *Tempos*. Sampaio Bruno, relata o episódio (cf. *Portuenses Ilustres*, v. 3, p. 153-158), não sem tecer alguns comentários depreciativos quanto à “incultura da sua inteligência” e de quantos aguardavam o regresso triunfal de Dom Sebastião, bem como do responsável pelo seu resgate, que desapareceu sem deixar rasto.



SAUDADE

Eu limitava-me a observar as massas, não com a repulsa que ao vocábulo e ao significado testemunha Leopardi; pelo contrário, com uma comiseração profunda. Porquanto aquelas gentes atestavam, na sua expectativa, a bondade do coração mas, na sua expectativa, atestavam a incultura da sua inteligência. Mostravam-se simultaneamente sensíveis e ignorantes. E patenteavam mesmo mais do que ignorância. Patenteavam a impermeabilidade do seu temperamento mental à civilização. Aquilo era a superstição primitiva. Era o selvatismo rudimentar, insolitamente sobrevivendo e ostentando-se. Era o subconsciente de onde emanou na sua hora o sebastianismo. As gentes da Praça Nova à espera do capitão Belchior, vinte, trinta, quarenta dias depois da perda do balão em que o infeliz partira, eram exactamente as mesmas gentes que em Lisboa iam aos magotes para os altos assestar de companhia os óculos de alcance, a ver chegar a esquadra de Dom Sebastião que as havia de libertar dos franceses de Junot.

Ainda hoje em dia, por Gaia me dizem que não é raro topar com não convencidos e não conformados. Eles sorriem espertamente; eles balbuciam monossílabos misteriosos; assegurados de que não motejem deles, eles abrem-se em confidências e revelações. O capitão Belchior não morreu, não, senhores; está vivo, e há-de voltar; mas há motivos superiores e causas fortes para que não tenha aparecido já nem apareça assim breve ainda. Mas que há-de voltar e aparecer um dia e que tudo então se saberá: - isso é que não tem dúvida nenhuma. [...].





SAUDADE

Uma Cavalhada de Entrudo, em Miragaia

[Uma cavalhada carnavalesca, simulou, a 22 de Fevereiro, Domingo Gordo do ano de 1857, em Miragaia, o desembarque de Dom Sebastião, regressado da ilha Encoberta. A encenação esteve prestes a ser proibida a pedido de uma folha canónica, tendo originado diversos panfletos com versos, como aqueles que se transcrevem do *Pasquim incendiário*]:

El-rei D. Sebastião
Já nem serve p'ra espantalho
É uma múmia, não se vê
Nem a toque de chocalho.

Os tais mourinhos d'Alcacer
Lhe deram tal caqueirada,
Que desmente as bandarrices
E os profetas de Granada.

Lá da tal ilha encoberta
Volta agora de careta!...
Ora adeus! Cebo de grilo!
Ninguém engole essa peta!

Está tudo embasbacado!
Bocas abertas são mil!
Mas o rei do nevoeiro
Hão-de ver... por um funil.

Era melhor ir p'ra casa
Jogar a *sola sapata*,
Que tomar indigestão
Com tão grande *patarata*.

Palavra d'honra! Não sei
P'ra que andam aos encontrões!
Com menos trabalho podem
Ter carta de *papelões*.



SAUDADE

* * *

[...]. Bastou o programa da cavalhada para atrair à cidade uma enorme concorrência de forasteiros, especialmente do Norte do país. Disputaram-se janelas por preços elevadíssimos. A multidão que se aglomerou nas ruas do Porto, na tarde de 22 de Fevereiro, pode calcular-se, sem hipérbole, em sessenta mil pessoas.

Gastaram rios de dinheiro os promotores da mascarada e tiveram que vencer grandes contrariedades. As armas do Duque de Aveiro custaram vinte libras. Cada personagem levava bordado sobre o peito o seu brasão de armas, como distintivo. Os fatos eram quase todos de seda; e muitos deles bordados a ouro. Para organizar os esquadrões, foi preciso mandar buscar cavalos a Braga e Guimarães.

Disse-se, e o Nacional lançou esse boato, que a cavalhada estivera a pique de ser proibida a pedido de uma folha canónica. Basta esta circunstância para dar ideia do respeito do Porto, naquele tempo, pelos ideais antigos, incluindo o sebastianismo. Parecia ainda desacato grave que se brincasse com a memória de D. Sebastião.

Mas, enfim, as dificuldades venceram-se, o dinheiro gastou-se, a cavalhada saiu.

Os dois principais personagens que nela figuraram eram representados por dois rapazes conhecidíssimos nesse tempo: o sr. Martins fazia de D. Sebastião e o sr. Amorim, brasileiro, de irmão do imperador de Marrocos.

Todos os jornais do Porto publicaram na véspera, o programa da cavalhada. Tomá-lo-ei do Periódico dos Pobres, folha muito pontual em informações noticiosas:

Desembarque d'el-rei D. Sebastião

Segundo o programa adoptado, deve verificar-se amanhã, depois da uma hora da tarde na lingueta ocidental do barracão em Miragaia, que se achará ornada com bandeiras.

A essa hora devem chegar as faluas da Foz em que vem D. Sebastião e o jovem irmão do imperador de Marrocos, com os respectivos préstitos português e marroquino.

Largarão então a encontrá-los em escaleres a corte, de que fará parte o Duque de Aveiro, e o desembarque será saudado por uma salva real em um dos cais.



SAUDADE



A Câmara, vestida de capas curtas como era estilo no século XVII, lhe entregará as chaves da cidade e o préstito seguirá pelas ruas seguintes em caleches, seges e a cavalo, dando fim no Largo da Batalha: Banhos, Ingleses, S. João, Rua das Flores, do Loureiro, Chã, Santo António do Penedo, Casa Pia, Entre-Paredes, S. Lázaro (em frente da Biblioteca), Pocinha, Santo Ildefonso, Santo António, Praça de D. Pedro (em volta), Rua do Almada, Gonçalo Cristóvão, Bonjardim, Praça Nova, Clérigos, Rua de S. Filipe, Cordoaria (em frente do Hospital), Carmo, Praça de Carlos Alberto, Cedofeita, Boavista, Santo Ovídio, Rua 16 de Maio, Rua da Conceição, Trindade, Rua do Estêvão, Fernandes Tomás, Santa Catarina e finda na Batalha.

[...] Foi uma tarde de verdadeira animação, no Porto, a desse famoso domingo gordo de 1857.

É ainda do *Periódico dos Pobres* que eu extrairéi a narração dessa esplendorosa festa carnavalesca [...]:

[...]. Pelas duas e meia da tarde uma salva real de vinte e um tiros da bateria postada no cais de Gaia, e girândolas, anunciaram a aproximação do rico escaler em que vinha o Encoberto e sua corte, que largou do Vale d'Amores, precedido de outro com dois arautos. Recebido na lingueta do barracão pela municipalidade e pelo estado-maior militar, a que se havia agregado grande número de generais e oficiais condecorados, desembarcou no maior silêncio; só as bandas de música, os clarins com o toque de fanfarras e os instrumentais desde a rabeça e flauta até à gaita de fole, nos barcos de curiosos que afluíam e nos grupos populares, saudaram o desembarque.



SAUDADE

D. Sebastião vinha ainda no verdor da idade em que fora roubado à vista dos mortais; o cabelo cor de ouro denunciava seus poucos anos: precediam-no os fidalgos que se julgavam mortos no campo de batalha, mas que habitavam conjuntamente com ele há três séculos a ilha Encoberta – o Duque de Aveiro, o Conde de Vimioso, o Conde de Redondo, D. Francisco de Távora, o Conde Soutelo e outros fidalgos mais que se julgavam sepultados nos areais de África; um deles sustentava o estandarte real, e acompanhava também um jesuíta confessor do rei, um príncipe de Marrocos, ricamente vestido, vinha no cortejo; todos vestiam sedas, veludos e telas roçagantes.

Precediam o préstito dois lanceiros batedores e um destacamento de dragões e lanceiros portuenses, soberbamente montados; e fechava o cortejo o estado-maior e uma escolta dos mesmos lanceiros e dragões. A municipalidade em seges precedia o cortejo.

Após o préstito seguiam diversos caleches e *char-à-bancs* com muitos cavalheiros e damas vestidas no estilo da antiga corte, pela maior parte puxados a quatro parelhas, segundo os privilégios da sua hierarquia; e milhares de pessoas do povo, que por mais de uma hora levaram a passar.

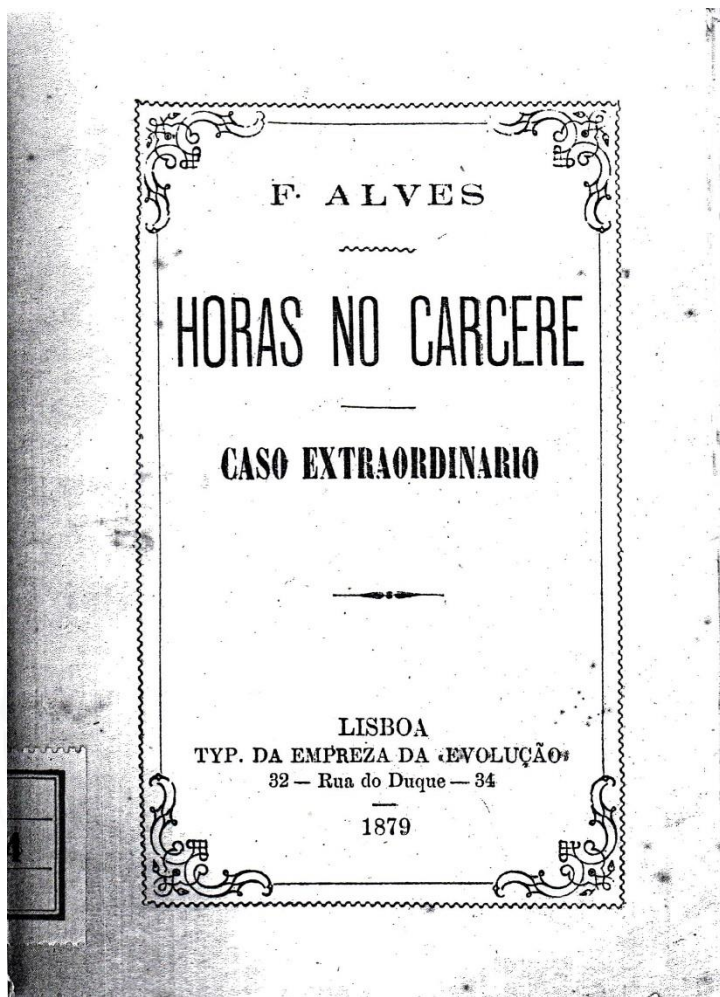
Nenhuma rixa, nenhuma briga nem desordem perturbou a festa. Não teve lugar o banquete da corte, havendo esta jantado a bordo para evitar os dispêndios que isso acarretava. À noite foi D. Sebastião ao teatro de S. João com o seu cortejo assistir ao baile de máscaras.

Bibliografia

BANDEIRA, José de Sousa, *Entrada d'El-Rei D. Sebastião*, in *Braz Tizana*, n. 46 (26 Fev. 1857), p. 1-2; N. S., *A chegada de D. Sebastião ao Porto em Fevereiro de 1857*, in *O Tripeiro*, s. 5, a. 12, n. 10 (Fev. 1957), p. 298-300; PIMENTEL, Alberto, *O Porto há 30 anos*, Porto, 1893, p. 177-183



SAUDADE



F. Alves, *Horas no Cárcere* (Lisboa, 1879)



SAUDADE

F. Alves

Horas no Cárcere – Caso Extraordinário ³³

Prefação

Em breves palavras, leitor, passaremos a dizer-vos qual a ideia que nos levou a este empreendimento.

Desde há muito que em Portugal circulam diferentes boatos relativos à existência do malogrado filho do mais ainda malogrado príncipe D. João.

Abri, pois, as páginas deste livro e em face da leitura que elas vos oferecem, julgai depois dos boatos e do personagem que lhes serve de objecto.

A vossa proverbial paciência e bondade desculpará as deficiências que na nossa humilde narrativa se, possam encontrar; devendo-vos assegurar que, nela nos cingimos unicamente ao que há de mais positivo sobre o assunto.

Aproveitando as horas de insónia, no cárcere onde me encontro, procurei apresentar-vos esta história, que à falta de méritos, merecerá o vosso acolhimento, atento pelo menos o fim a que se destina: melhorar as circunstâncias do autor.

I

Era pelo mês de Dezembro do ano de 18...

Amanhecia o dia 12 e o céu achava-se nublado.

Em alguns pontos marítimos de Portugal, avultava a inquietação por parte de não poucas famílias de pescadores, que havendo-se afastado consideravelmente da costa em consequência de uma espessa cerração que lhes ocultara as barras, se tinham introduzido no alto-mar.

Entre bastantes barcos que então faltavam nas *companhas* da Póvoa do Varzim, notava-se a ausência dum que era tripulado por um velho ancião de nome Eustáquio, e por seu filho Abel.

Dolorosos eram os transe porque passava a esposa de Eustáquio e mais 5 pessoas de família, que, reputando perdido o seu chefe, se consideravam a braços com a miséria.

³³ Folheto antisebástico, impresso em Lisboa, na Tipografia da Empresa da “Evolução”, em 1879.



SAUDADE

Soara o meio-dia.

De momento a momento apareciam no horizonte uns sinais brancos que em breve se transformavam em pequenas velas, as quais, após minutos, se aproximavam da praia.

À medida que os diferentes barquinhos se ficavam nos ancoradouros e as *companhas* saltavam em terra, a família de Eustáquio e Abel experimentavam sensações cruéis que contrastavam com a inerme satisfação que brotava espontaneamente do ânimo dos seus vizinhos a quem era dado encostar aos peitos os parentes e amigos reputados sem salvamento.

- Meu Deus! exclamava aflita a família de Eustáquio, cravando os olhos na fita azul do extremo horizonte e demorando-os como que a interrogar as ondas embravecidas que se levantavam sobre o dorso do oceano: Que é de Eustáquio e Abel, nosso amparo e protecção?

E aos gemidos e lágrimas abundantes que inundavam as faces daquela gente, e que eram como que estilhas das suas almas amalgamadas com a dor que a torturava, - respondiam além uns rugidos do mar que açoutava os recifes e que se quebrava contra eles em titânicas convulsões, arremeçando fartos volumes de espuma para a terra que parecia submergir-se.

E as restantes horas do dia se foram passando, sem que o pequeno barquinho de Eustáquio aparecesse!

Veio a noite, a tempestade serenou, mas no horizonte nem uma vela se divisava!

II

Quando Eustáquio e Abel, depois de colhida a rede repleta de pescado, se endireitavam para a barra, - mau grado seu perderam o rumo por efeito da cerração que se desdobrava na sua frente à maneira de um tapado véu.

Afeitos a semelhantes alternativas, o pescador julgou prudente bordejar até que o tempo amainasse um pouco para depois dar entrada na pequena baía da Póvoa do Varzim.

Abel sabia bem como conservar o barco em semelhante altitude e portanto, seu pai, altamente cansado pelo trabalho, encostou-se à amurada do lanchão, cobriu a cabeça e os ombros com a sua *japona* azul-escura e deixou-se por um instante repousar.

No entanto o mar foi-se modificando nas suas fúrias, o lanchão jogava pouco e Eustáquio conseguira entrar num sono sossegado a despeito do rumor: monótono e altivo que se sentia partir da orla do oceano.



SAUDADE

A cerração, essa, obstinava-se em não deixar grande espaço que mediava entre o barco tripulado por Eustáquio e Abel e a cinta de praias desde o Porto a Esposende.

As outras pequenas embarcações que haviam conseguido entrar a pequena enseada, não se haviam feito tanto ao mar para que fossem surpreendidas longe da costa pelo fechado nevoeiro.

Abel e Eustáquio, por herança de família, eram supersticiosos como todos os habitantes do alto norte.

Eustáquio que já ressonava por forma altissonante, entretinha os sentidos o entorpecidos com as caprichosas impressões da cerração que antes contemplara.

Abel, esse, *tenteava* a vela, atendia ao leme, fitava o mar e como que se esforçava por descobrir a costa além do nevoeiro, o que lhe era difícilimo.

Decorreram assim bastantes horas e o velho pescador não havia despertar.

Depois arremeçou para um dos lados, a pesada japona; ergueu-se sem embargo dos balanços que perseguiam o barco; espreguiçou-se por alguns momentos e arrancando a mais sonora interjeição de assombro exclamou:

- Ei-lo Abel: Ei-lo!

Abel ficou estupefacto.

E Eustáquio caiu de joelhos e ficou com as mãos postas.

III

Como que por encanto, pela ré do pequeno lanchão surdiu um barco de não pequenas dimensões que seguia para o Sul.

Pela flâmula, baterias e uniformes dos tripulantes, Eustáquio via nele uma formosa nau de guerra.

A cor dos homens de bordo que compunham a guarnição, era urna cor singular.

Tinham as faces tão bronzeadas que se não foram os movimentos, o pescador ancião tê-los-ia não por gente.

Usavam todos, barbas compridas e grisalhas que lhes dava um venerando aspecto.

Os mais pesados na idade *galgavam* pelas enxárcias do navio como ligeiros grumetes.

Sobre e castelo de proa divisara Eustáquio um mancebo de 24 anos, vestido de cavaleiro ao uso da Idade Média.

Tinha na frente crestada pelos sóis ardentes os traços que caracterizavam os antigos campeões.

O mancebo parecia entregue à mais profunda meditação.



SAUDADE

De momento em momento tirava o capacete, erguia a sua formosa cabeça, apurava o ouvido e em seguimento de uns sentidos ais, enviava as vistas na direcção da terra ainda oculta pela resistente cerração.

Naquela alma ia um turbilhão de mágoas e saudade.

De súbito o velho pescador viu que o seu pequeno barco se encostava a bombordo da nau e que uma mão possante o colocava dentro do navio.

Ficou estupefacto.

Tudo ali era mistério.

E o mancebo de 24 anos, - o novel cavaleiro do castelo de prôa - sorriu-se pela vez primeira, levantou-se paulatinamente e caminhou ao encontro do velho Eustáquio que, ao reconhecê-lo, caiu de joelhos e bradou a seu filho:

- Ei-lo, Abel. Ei-lo!

IV

Abel saindo dos ergástulos da sua estupefacção, correu até junto de seu pai que julgara vítima de qualquer acesso, mas depressa se convenceu de que o bom velho, estava passando pelas impressões de um aturado pesadelo.

Sacudido devagarinho pelo filho, Eustáquio abriu os seus pequeninos olhos que esfregou com a calosa mão; ajudou-se nos musculosos braços do mancebo, pôz-se em pé e foi sentar-se à ré da lancha.

- Que sonho, Abel, que sonho!...

- Com que sonhou?

- Ora, com quem havia de sonhar eu neste dia de infernal nevoeiro?

- Diga... diga...

- Sonhei com ele... viu-o, falei-lhe, e abracei-o.

- Com ele, quem?

- Com o nosso desejado.

- Ah!... ah!...

- Tu riste.

- Pudera. Não que vocemecê quando o viu deu um berro como um gaivoto.

- E tu não o viste também?

- Eu sim. Para o vêr era mister que sonhasse também.

- Mas há-de acreditar que o meu sonho já foi *armado* por Deus para o poder ver. E olha que o vi, Abel. Nunca tive um sonho assim.

Pois se ainda tenho a cara húmida dos beijos que ele me deu...

- Engana-se, meu pai. Essa humidade não foi feita pelos beijos do Senhor Rei...

- Como foi então?



SAUDADE

-Foi, feita por uma vaga de mar que saltou para a lanchar.

- És um pedreiro livre. Não crês no poder do céu e por isso duvidas do que te afirmo.

Após a contenda, momentos breves, os dois pescadores emudeceram para em vez das suas vozes se escutarem apenas os sons baços produzidos pelo cair dos remos sobre as águas embravecidas.

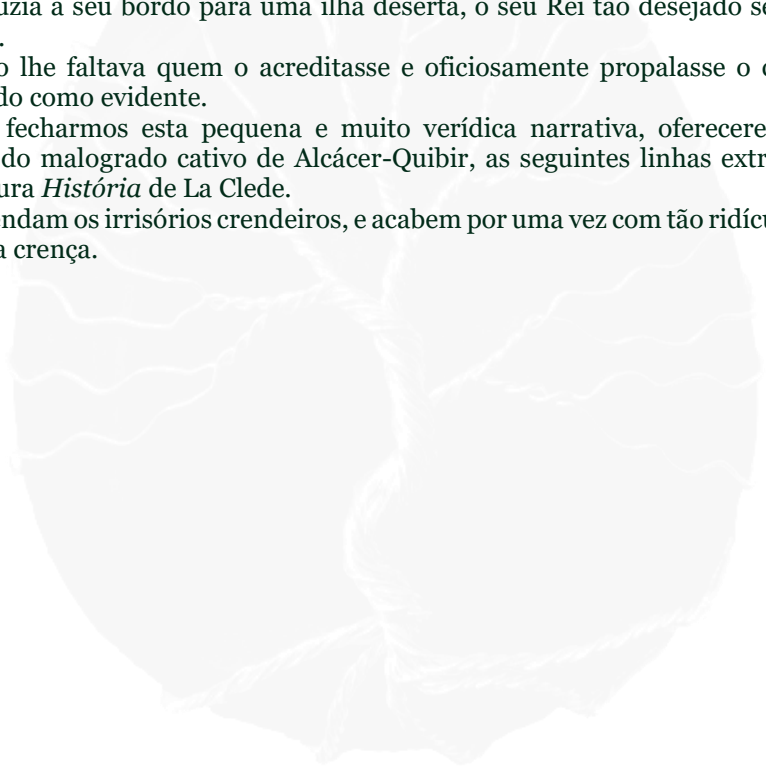
A cerração foi-se dissipando, pouco a pouco, e pela madrugada o pequeno barco dava ingresso na baía. O pescador e seu filho eram esperados na muralha por parentes e amigos, que choravam de alegria.

Desde então, o mestre Eustáquio, afirmava aos seus irmãos de trabalhos e a toda a gente que o escutava, que a algumas milhas da Póvoa vira uma nau dourada que conduzia a seu bordo para uma ilha deserta, o seu Rei tão desejado senhor D. Sebastião.

Não lhe faltava quem o acreditasse e oficiosamente propalasse o caso que ainda é tido como evidente.

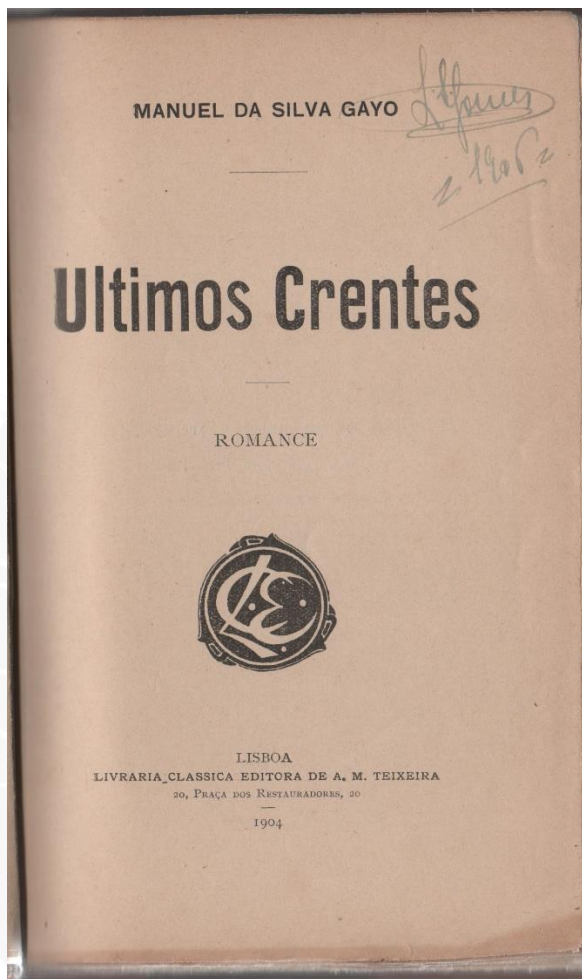
Ao fecharmos esta pequena e muito verídica narrativa, ofereceremos aos fanáticos do malogrado cativo de Alcácer-Quibir, as seguintes linhas extraídas da imorredoura *História* de La Clede.

Atendam os irrisórios crendeiros, e acabem por uma vez com tão ridícula como perniciososa crença.





SAUDADE



Manuel da Silva Gaio, *Últimos crentes* (Lisboa, 1904)
Narra a aventura de uma campanha de pescadores que naufraga quando intenta localizar a *Ilha Encoberta*



SAUDADE

Manuel da Silva Gaio
Últimos Crentes ³⁴

XXV

Durante noites seguidas, tornara o Arrais velho a ter aquelas visões e tumultos de sonhos, vindos por mais duma vez nas últimas temporadas.

Se até ali poderia ter dito que já só vivia para a sua fé, à espera do prometido e contado, agora a enchente milagrosa do sonho querido alastrava-se e espalhava pelas horas do sono mesmo, e do repouso forçado.

As noites, como os dias, pertenciam de vez ao seu culto que o absorvia de todo, acabando de o oirar, tornando-lhe a existência de todos os momentos numa sucessão de alucinações e de ilusões, da vista e do ouvido.

Tomando por avisos e sinais tudo quanto escutava e lhe aparecia, acordado ou adormecido, mais se firmava na convicção de que a chegada estaria para breve.

Com ele, os outros iam, irresistivelmente, no mesmo fio de persuasão, aquecidos sempre e avigorados de crença pela acção das práticas e leituras, feitas de novo mais aconchegadas e demoradas por motivo do bravo tempo, de nevoeiros e borrascas, caído havia semanas.

A eliminação e desaparecimento dos estorvos, que poderiam contrariar por pouco o movimento crescente daquelas almas levadas de entusiasmo, ainda viera reforçar o que já não carecia de estímulo e de razões.

Era de supor, o que sucedera - pensariam todos.

O Russo e a Coca não tinham podido resistir à sentença de desgraça e de morte, pois decerto iria ela ferir sempre quem, louca e desvairadamente, se quisesse atravessar no caminho dos altos destinos traçados e afirmados.

Mas, por esse motivo, nenhum dos da companhia viria a sofrer e a penar.

Tal convencimento do milagre esperado era como se já fizesse parte do sangue e da carne de cada um deles.

E quando, certa manhã, o Arrais saiu, agitado, olhos esbugalhados de fulminante espanto e alvoroço, a bradar que o Encoberto de novo lhe aparecera, anunciando-se para um dia a termo de chegar - ninguém duvidou nem mostrou

³⁴ Romance editado pela Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira (Lisboa, 1904).



SAUDADE

surpresa, posto tudo ficasse ao mesmo tempo oprimido e exultante, na expectativa do prodígio.

Ardiam as cabeças nas mais estranhas e fantásticas congemações e previsões: do que seria, de como seria...

Entreolhavam-se como se uns aos outros aparecessem agora alumiados de alguma nova luz extraordinária, feita de desconhecidos raios do sol, de imprevistos clarões do céu tornado novo.

As mulheres rezavam.

Muitas punham-se a chorar, num vago terror do que viria a acontecer, ora ensombradas do agoiro, ora receosas de deslumbramentos possíveis.

Desconfiados, chegando-se às mães, os pequenos inquiriam com os olhos, varados a todos os rostos a todas as coisas e criaturas, a causa de tal mudança, que os assustava e intrigava, embora não percebessem.

Viam-se mais luzes acesas nos oratórios, e junto dos *Santo-Cristos*.

Nos três a quatro dias seguintes à manhã em que lhes aparecera alvoreçado, o Arrais andara mais tranqüilo,

Mas, tanta era a sua fé na *chegada* e na volta de mundo a esperar dela, que até durante as horas mais sossegadas conservava um quê de extâse heróico no olhar varado longe, e um vago sorriso de triunfo em roda da boca forte e leal.

Sem poderem compreender e detalhar o que lhe encontravam, e apesar de andarem todos envolvidos na mesma rede de sonho alucinante, os seus homens não deixaram de notar por momentos e de achar quase para temer por ele tão constante e seguido pasmo.

Apenas, porém, o Arrais parecia despertar e lhes confiava novos segredos e indícios, logo os dominava e arrastava.

E, passado pouco tempo, estavam como ele, e por isso desapossados desse resto de dúvida e sentido da realidade, que lhes deixara ainda reconhecer no velho um estado prolongadamente anormal.

Varridos de todo, como os outros, o Pedro e a Rosa já esperavam ter bodas reais, pela presença de *Quem* viria honrar-lhas...

E foi ela mesmo, a Rosa Boga - que veio a dar o primeiro rebate de novidade grande, avistada no mar.

*

Tinha o Arrais contado, havia pouco, que sonhara mais vezes com aquele navio perdido, onde o vira jogado às ondas, para afinal vir varar salvo na sua praia de pescadores eleitos.



SAUDADE

Não esquecer a isso que ouvira, quando o velho, passada outra noite de agitação, voltou cedo para a praia.

Levantara-se muito mar, sob um nevoeiro baixo húmido da maresia, e ao mesmo tempo opressivo e lento.

Vinham jogadas de longe as vagas encasteladas, que reboavam contra o focinho do Cabo como trovões quebrados.

Das alturas donde se erguiam até arrebentarem na praia e estalarem na penedia negra, galgavam a distância larga com uma rapidez arquejante de manada solta que, pressentindo ameaça e perigo, cega do medo e do espanto despertados de súbito, despedisse em fuga apavorada, derrubadora, pulando e chocando-se na ânsia da corrida; para, de certo ponto, seguir num só arranco de tropel vivo, a resfolegar, irresistivelmente levado do movimento ganho, e ir então espalhar-se nas areias ou despedaçar-se, ao próprio impulso, - dividida e desfeita num medonho tumulto, estrondo, e redemoinho de destruição brava - de encontro àquela defesa penhascosa e bruta do promontório firme.

Arrepiava-lhes o vento áspero, mais forte do que frio, as crinas de espuma leve, erguidas nessa abalada de pânico, cardando-lhas pelo ar em voojões esparsos de orvalhos brancos.

E no horizonte, logo ao perto fechado de nevoeiro, cedo surgiu iminente, correndo e bramindo em cerco, do Sul e do ocidente, a ameaça negra de tempestade e trovões, de que a manada das ondas bravias vinha fugindo, perseguida a laços de fogo e a chicotadas de relâmpagos pelos demónios rápidos das nuvens, indomáveis ganchos do espaço, montadores e domadores dos temporais e ventanias.

Em certa altura o vento rodou um pouco, e as vagas começaram a quebrar de viés contra a penedia, vindo a morrer em curvas varredoras de ressaca por toda a praia lisa, onde os barcos, avariados quase todos da última tormenta, estavam amarrados às fateixas ferradas.

Estalaram trovões suspensos logo por cima do povoado transido.

Fuzilaram mais vivas e bastas as faíscas

E nem uma gota de água tombara ainda, corno se do céu só devera chover fogo.

Parecendo desconhecer e temer esse revolto aspecto do próprio domínio, as aves do mar batiam para terra, num voo rasteiro e cobarde.

De tantas que vinham, e tão de perto, faria lembrar que desciam desentranhadas da nuvem temerosa, já aterradas.

Ajuntados na praia, à volta do Arrais, que não despregava a vista das ondas, os da companhia olhavam tudo com olhos longos de interrogação e espanto, posto tivessem visto em vida muita tempestade brava.



SAUDADE

Estremecia o ar, de eletrizado, como se nele continuamente se agitassem voos de asas miúdas.

As mulheres, prevendo caso de desgraça, balbuciavam palavras vagas de medo desconhecido, e a instantes ouviam-se-lhes invocações:

- Nossa Senhora!

- Senhora da Guia!

As crianças choravam.

Os pescadores, mudos, ora deitavam a vista à roda, ora a pregavam no Arrais, sempre por todos sentido e tido como o centro e alma da cornpanha, em tudo e para tudo.

De repente, cuidaram-se cegos, tão viva chuva de fogo se despejou do céu, indo um raio lascar o moinho mais próximo, ao estalo brutal do maior trovão, quebradamente enxuto.

- Misericórdia!

Tombaram de joelhos as mulheres, abraçadas nos filhos. Os homens entreolharam-se, sempre mudos, meio espantados de se verem vivos ainda: mas para logo quedarem pregados de terror maravilhado - ante a vista do céu e do mar.

Varrida para nordeste a despedir fogo aquela nuvem negra e sinistramente rasteira - abriu-se, coado de nuvens mais delgadas, e espalhado nas águas, um clarão entre verde e azul-fósforo, que pôs a tudo uma aparência húmida; ao mesmo tempo que ofuscava, recortava nitidamente as coisas alumiadas.

De vivo e inexoravelmente iluminante, como se à uma tudo penetrasse e erguesse em relevo - parecia tudo mostrar aproximado e no valor absoluto.

Dava aos olhos um alcance inconcebível, nem que tivesse o poder de resumir o mundo todo nos limites do simples domínio visual.

Faria supor que assim o reduzia num ponto, para que assistisse à realização de algum prodígio suspenso.

Lembrava uma luz feita de relâmpagos e faíscas, unidos por milagre e parados na mesma claridade única - claridade enigmática de transe cósmico.

As ondas, arrepiadas, correram vencidas, como feras a rastejarem, empolando logo de novo.

Veio do mar uma lufada húmida e morna de respiração oprimida.

E foi então que, no meio de estarecido pasmo, a Rosa avistou a sudoeste, por sobre o verde triste das vagas largas e fundas, um fantasma delgado de navio, em breve tornado nítido e real aos olhos de todos.

Foram vendo que vinha perdido e desmantelado, guardando apenas o mastro grande.



SAUDADE

Para melhor descortinarem, correu o Trofa a buscar, de mais perto, um velho óculo, que tinha na tasca.

Voltando, deu o óculo ao Arrais, que o assestou, calado, enquanto os outros, pondo a mão em pala sobre os olhos, também tentavam descobrir, ver...

Passado pouco, o velho estremeceu e dava alarme de gente a bordo do navio desgarrado: trazia um náufrago.

Já o vento rodara mais.

Não devia arrastá-lo contra o Cabo; mas podia perder-se, mergulhando ou varando de pancada a Norte do Salvador, embora parecesse vir numa corrente que, mal tocada a praia, logo rodaria fora.

E nada lhe poderiam fazer, com tamanho mar...

- Ah! Bendito Deus!...

Cercaram perto o Arrais que deixara tombar o óculo das mãos, e mal se aguentara de pé amparado pelos seus homens.

- É Ele, é Ele... - bradava apontando como doido...

Aprumando-se lesto, no entanto, o velho ordenava logo, a indicar os dois barcos aprestados que poderiam sair de pronto:

- Moços, vogar! Vogar!

Na embarcação enxergada, e no náufrago amparado ao mastro restante, o Arrais vira a nau e o cavaleiro do sonho repetido, o sempre *Esperado*.

As visões já naturais, de alucinado rematavam-lhe numa ilusão de verdadeira loucura, provocada pela vista dum pequeno navio perdido, que a bordo trazia o seu último náufrago.

Iriam salvá-lo, esperá-lo.

E todos os mais, vendo pelos seus olhos, só também enxergavam agora naquele barco, ao acaso arrastado pelas marés bravas, a milagrosa nau da tornada prometida.

Era um povo inteiro de possessos, arrastado no mesmo impulso, esse que já, de arrebate, desamarrava os barcos, e tomava os remos, sempre à voz do Arrais velho, de todo louco, a repetir:

- Vogar! Vogar!

Mas só dois barcos podiam desgarrar logo aprestados.

Erguidas ou acorridas de golpe, ao verem-nos prestes a embarcar, pois todos queriam partir, as mulheres - surdas e cegas a tudo ante aquele perigo mortal, acordadas do sonho para a vida pelo instinto certo de mães e de fêmeas atavam-se-lhes, como cobras, aos troncos fortes.

Cercavam outras, anciosas, os barcos, para que os não arrastassem.



SAUDADE

Levantando os filhos pequenos, vinham estas lançá-los aos braços dos homens; aquelas praguejavam e maldiziam da sorte...

E o clamor de lástimas, brados, soluços e gritos doidos ainda parecia oirá-los mais, com todas aquelas voltas de mar e céu embrulhados de ameaças.

Entretanto o navio perdido avançava.

O nevoeiro cerrara outra vez.

- Vogar! Vogar!

E a luta enredava-se e crescia, entre as mulheres e os que partiam, escolhidos pelo Arrais. Crescia também a celeuma de dor brava e de medo, espalhada ao ar pelas vozes roucas das criaturas, a quem só a força bruta dos pescadores lograva por fim vencer - indo muitas rolar na areia em convulsões de choro, ao passo que as mais resolutas ainda os perseguiram e se lhes penduravam dos braços; para, sem remédio, os verem saltar nos barcos e cortar mar dentro.

Ajudado a erguer, tomara o Arrais o leme do *Desejado*, para onde o Pedro, com os melhores, entrou dum pulo.

Tentando prender o noivo nos braços, e ao sentir que se lhe soltava, a Rosa ficara imóvel, pregada de terror, a olhar sem ver.

Até que o barco mestre largou, levado de vez.

Despedido um grito de varar peitos, tombou ela na areia revolta, e não deu mais pela crescente tempestade de soluços e de lástimas, pelas atitudes e gestos de desesperada angústia, em que toda a praia ficava movida e agitada.

As outras, também, não lhe deram pelo desmaio fundo.

Algumas, tontas, consumidas de chorar e bradar, deixavam-se cair enrodilhadas, nem sentindo agora a bátega de dilúvio em que o céu negro se desfazia.

Encolhidos nas mãos, os pequenos tranziarn-se.

Sucediam aos berros e movimentos bruscos lamentos e gemidos, que acompanhavam daqui, de alérn, implorações trémulas:

- Nossa Senhora!

- Deus do céu!

- Virgem da Guia!

Os homens que tinham ficado em terra, quebrado o primeiro espanto, ora se uniam na faina de arrastar outros barcos, à pressa guarnecidos, ora a cada instante paravam sem querer, a ver se seguiam, olhos ansiosos, a manobra dos dois que jogavam luta brava com as vagas de novo subidas.

No entretanto, a bordo do *Desejado* e da *S.^a da Guia*, o Arrais velho e os seus melhores companheiros, a cada remada, mais cuidavam ir a esperar e a salvar *Quem* já contavam por tornado...

- Rema forte!



SAUDADE

Ordenava o velho, ao leme do barco mestre.

- Força a voga! *Auguenta!*

Aproximados um momento, os dois barcos eram logo distantes, pela força do mar que a um lado e a outro os lançava, espadanando alto as espumas.

Chegavam a sumir-se um do outro, para logo mal se avistarem perto, cortando cristas de ondas seguidas, sob aquela rede fechada de aguaceiro em cordas.

- Força a voga!

E os remos moviam-se lesto, a rangerem nos toletes, a curvarem ao peso das vagas cortadas.

Vendo o que não viam, sempre a visão querida os atraía - naquele navio desgarrado, com um naufrago abraçado ao mastro grande.

Encharcados da chuva e do mar, quase estalando nervos e músculos na luta arquejante, a cada segundo rés-vés da morte, nada do perigo os tolhia, nem quanto os ameaçava e batia lograva acordá-los.

Da terra mesmo, mal se lhes representava agora o que mais amassem.

Era como se os levasse urna força estranha - ideia fixa ainda avivada pela ilusão posta em frente, impulso de doidos varridos, que já por instantes só vivessem para essa única chama de sonho, bailante e tentador.

- Rema! *Auguenta!*

Jogado ao píncaro das ondas, ou sepultado nos sulcos profundos que abriam as águas revoltas, o navio perdido aproximava-se das portas do mar, ao tempo que os do Arrais também já vogavam perto da linha perigosa.

Olhos nele, os remadores avançavam mais a peito, esticando quanto podiam, apertados pelas vozes de comando do velho:

- Rema! Rema!

- Hei - ó, hei - ó!

- Perto vamos! Rema da voga!

Nisto, ao abicar nas portas, o navio andou de ilharga, arrastado por uma vaga.

- Rema!

Bateu-lhe outra vaga pela proa, e o casco entrou a rodar na força de mar ali formada.

As espadanas levantadas, juntas com tamanha rede do aguaceiro a jorros, mal deixavam já descobrir o naufrago, ainda abraçado ao mastro que baloiçava.

- Rema!

Tendo metido a proa, e tombando a bombordo, o navio mergulhara súbito a uma pancada surda de vaga arreventada, que no ar saltou, do choque bravo.

- Misericórdia!



SAUDADE

Soltaram à uma, pela praia inteira, mulheres de mãos erguidas, e os pescadores prestes a partirem.

Os dois barcos tinham desaparecido no mesmo sorvedeiro, que engolira o navio perdido...

Com eles, naufragava o sonho messiânico da raça,

Mortos ou vivos desenganados e dispersos, eram os da companhia os seus últimos crentes.

Coimbra, 23 Maio 1904

